

JÉSSICA SANTANA LOPES

**BAHIA DE TODOS OS SANTOS: DOCUMENTÁRIO SOBRE
PERSONAGENS COMUNS DA BAHIA**

Viçosa-MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
2014

JÉSSICA SANTANA LOPES

**BAHIA DE TODOS OS SANTOS: DOCUMENTÁRIO SOBRE
PERSONAGENS COMUNS DA BAHIA**

Relatório final, apresentado à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências para a obtenção do título em bacharel em Comunicação Social e Jornalismo.

Orientadora: Mariana Ramalho Procópio Xavier



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo

Projeto experimental intitulado Bahia de Todos os Santos: documentário sobre personagens comuns da Bahia, de autoria da estudante Jéssica Santana Lopes, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Mariana Ramalho Procópio Xavier- Orientadora
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Ms. Hideide Brito Torres
Doutoranda em Estudos Literários pela UFJF

Ms. Carolina Pires Araújo
Jornalista na Coordenadoria de Comunicação Social da UFV

Viçosa-MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
2014

AGRADECIMENTOS

“Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só, mas, sonho que se sonha junto é realidade” (Raul Seixas). A produção deste trabalho é para mim, a realização de um sonho que só foi possível devido a algumas pessoas que estiveram ao meu lado durante o processo. Primeiramente, quero agradecer a minha orientadora, Mariana, que desde o primeiro momento em que eu achava que o tema não era bom ela “comprou a ideia” e me deu forças para executá-la. Além disso, compartilhou comigo sua experiência e orientou brilhantemente meus passos.

Aos meus pais faltam-me palavras. Minha mãe que participou de todos os momentos comigo, sentindo os mesmos sentimentos, as mesmas preocupações, alegrias, expectativas. Não me deixou desistir diante aos problemas e foi uma grande companheira. Ao meu pai, agradeço pela contribuição nas viagens, na seleção de músicas, na sabedoria e por ter me dado o gás necessário para continuar.

Agradeço a Rafael pelo amor, companheirismo, amizade e principalmente, por ter sido paciente comigo em um momento cheio de surpresas e variações de humor. Sem esquecer também, as inúmeras vezes que me ajudou buscando livros emprestados na universidade em que estuda.

Não poderia deixar de agradecer a Mari, Japa, tio Alcides, Norma, tio Fernando, Regina, Lannes, Andrezza, Marcella, Paula, Manuela, Aloísio, Hermano, Darci, Vinícius, aos meus irmãos - e tantos outros -, por terem me ajudado no que podiam sem economizarem esforços.

Aos meus queridos *Santos* entrevistados, por terem aberto a porta de suas casas para uma “desconhecida”, terem parado um pouco o trabalho ou atividade que estivessem fazendo para contribuir com o meu documentário e terem sido tão solícitos e atenciosos.

Por último, mas, não menos importante, agradeço às bênçãos de Deus, de todos os santos, orixás, deuses, anjos enfim, de todas as energias boas que me auxiliaram no desenvolvimento deste projeto.

*“Terra que não tem idade
Dona da felicidade, é mesmo assim
A Bahia é o começo e o Bonfim
Com arte e com poesia
Cantar-te nunca é demais
Generosa geografia
Chapada, sertões, litorais*

*Eu gosto de ser baiano
Ai ai, Bahia!
Ando perguntando:
Quem é, que não gostaria?!”(Moraes Moreira)*

RESUMO

O projeto experimental *Bahia de Todos os Santos* é um videodocumentário produzido como Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. No documentário, baianos anônimos - como lavador de carros, artesão, vendedora ambulante, catador de lixo e cortadora de mandioca -, de sobrenome *Santos* das cidades de Vitória da Conquista, Porto Seguro e Ilhéus foram entrevistados. A escolha por essas personagens se deu devido ao objetivo de dar visibilidade a pessoas anônimas e que têm em comum o patronímico *Santos* e os papéis sociais que elas ocupam, e também, pelo fato desse sobrenome predominar na Bahia. Como embasamento teórico, adotou-se o aporte de autores que trabalham com o gênero documentário e conceitos como baianidade, representação social e Micro-História. Em relação à metodologia, o trabalho foi desenvolvido em três etapas: *i*) a pré-produção, que consiste na pesquisa bibliográfica e prospecção de fontes, *ii*) a produção em que ocorreram as filmagens e *iii*) a pós-produção referente à elaboração do roteiro, edição e confecção dos DVDs.

PALAVRAS-CHAVE

Bahia. Documentário. Anônimos. *Santos*.

ABSTRACT

The experimental project *Bahia de Todos os Santos* is a video documentary produced as Final Paper of Social Communication and Journalism Major at Federal University of Viçosa. In the documentary, anonymous Baianos (people who has born in Bahia), were interviewed - as car washers, craftsman, dealers, manual workwoman – whose surname are *Santos* from the cities of Vitória da Conquista, Porto Seguro and Ilhéus. The choise of these characters was due to the goal of calling attention to anonymous people who share the surname *Santos* and the social role they occupy, and also because of the predominating surname *Santos* in Bahia. As theoretical basis, the adoption of authors that work with documentaries and concepts as baianidade, social representation and Micro History . About the methodology, the study was conducted in three stages: *i*) the pre-production which consists on bibliographic research and prospecting supplies, *ii*) the production where the filming happened, and *iii*) the post-production when the script was developed even as the editing and making of the DVDs.

KEY-WORDS

Bahia. Documentary. Anonymous. *Santos*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. BAHIA DE TODOS OS SANTOS, NÃO POR ACASO	11
1.1 Origem e história dessa nomeação	11
1.2 Sagrado e profano: sincretismo religioso na Bahia	13
1.3 “Baiano é um estado de espírito”: a representação social para esse povo abordada no conceito de baianidade.....	16
2. DOCUMENTÁRIO COMO PALCO PARA PESSOAS ANÔNIMAS	21
2.1 Documentário, definição e temáticas atuais no cenário brasileiro	21
2.1.2 Estilo “Eduardo Coutinho” de fazer documentários.....	24
2.2 A micro-história e o universo das pessoas comuns	26
3. RELATÓRIO TÉCNICO	31
3.1 Pré-produção.....	31
3.2 Produção	33
3.2.1 <i>Santos</i> da Bahia: apresentação dos personagens	36
3.3. Pós-produção	40
3.4. Material, orçamento e cronograma.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
ANEXOS	50

INTRODUÇÃO

A Bahia foi o berço da colonização portuguesa no Brasil e Salvador, a primeira capital do país. Desde os anos 1500, período em que as terras brasileiras foram “descobertas”, esse estado foi e é palco para diversas culturas de diferentes povos, como os índios, os africanos e os europeus. “Deles surgiram os tipos mestiços de índios com portugueses e africanos que estão na variedade colorida do povo baiano, homens e mulheres que realizaram o espalhado povoamento das várias regiões do território da Bahia” (TAVARES, 2001, p. 16).

Dessa mistura, a culinária, a dança, o sincretismo religioso, os costumes, dentre outros elementos, são características marcantes da Bahia, além dos pontos turísticos como Porto Seguro (antiga Ilha de Vera Cruz), Ilhéus (terra de Gabriela, Cravo & Canela), Salvador, Chapada Diamantina, entre outros.

Tratando-se da religiosidade, a Bahia se destaca por ser sincrética, ao misturar várias religiões e também o sagrado e o profano. Por isso, o Senhor do Bonfim, Yemanjá e todos os santos são associados ao estado, famoso por suas festas e tradições espirituais. Moraes Moreira canta em uma de suas músicas esse ecletismo “Alegria, alegria é o estado que chamamos Bahia de todos os Santos, encantos e Axé, sagrado e profano o baiano é carnaval”¹.

O estado e seu painel cultural foram abertos ao mundo a partir de várias pessoas como Gregório de Matos, Castro Alves, Jorge Amado, Dorival Caymmi, Glauber Rocha, Raul Seixas, Milton Santos, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Ivete Sangalo, Lázaro Ramos, Wagner Moura etc. Mas, existem muitos “baianos anônimos” que também se destacam no meio em que vivem, seja por sua alegria, seu trabalho, seu jeito de ser.

Partindo de todas essas características, este projeto experimental consiste na produção de um videodocumentário intitulado *Bahia de todos os Santos* e apresenta personagens baianos de sobrenome *Santos*. A preferência por esse sobrenome se deu porque na Bahia, segundo uma pesquisa divulgada em uma Dissertação em Biotecnologia em Saúde e Medicina Investigativa, o patronímico de maior frequência é *Santos*. A pesquisadora Taisa Machado (2008), nesse estudo cujo foco é ancestralidade em Salvador – BA, destaca também a contribuição de sobrenomes de conotação religiosa para origem de indivíduos baianos.

¹ Letra da música disponível em <http://letras.mus.br/moraes-moreira/47510/>. Acesso à música 01/11/2014.

Sustentado por essa pesquisa, o objetivo deste projeto foi dar visibilidade a pessoas anônimas que têm em comum o sobrenome *Santos*, como também os seus respectivos papéis sociais. Esses indivíduos foram identificados em diferentes locais na Bahia (Ilhéus, Porto Seguro, Vitória da Conquista) e seus depoimentos foram reunidos por meio de um documentário com intuito de apresentar o universo de alguns cidadãos comuns que nem sempre possuem o devido espaço na mídia.

Alguns traços da Bahia como a alegria, festividades, tambores, atabaques, dendê, berimbau, o sincretismo religioso e as praias são lembradas não só pelo seu povo, mas, também, por muitas pessoas que não são do estado. O compositor paulista Denis Brean, na canção *Bahia com H²*, dizia “Eu sou amante da gostosa Bahia, porém pra saber seu segredo serei baiano também. Dá licença, de gostar um pouquinho só. A Bahia eu não vou roubar, tem dó!”. Nesse trecho ele demonstra a sua admiração pelo estado e pede licença para se tornar um baiano, ressaltando a hospitalidade desse povo que é aberto para os “forasteiros”.

Assim, abordar alguns rostos anônimos da Bahia é uma motivação pessoal, primeiramente, por minha identificação ao estado, pois sou baiana e por ter, também, afinidade por histórias de pessoas comuns e que têm algo interessante a contar. Optar por realizar o projeto experimental com o gênero documentário justifica-se, sobretudo, pela criação subjetiva e a vinculação com a realidade que ele permite. (GRIERSON *apud* LUCENA, 2012).

Além disso, a escolha por um videodocumentário se dá porque os cenários dos diferentes locais visitados e também, a trilha sonora, essencialmente baiana foram explorados. A música, assim como a imagem, desempenha um papel importante nesse tipo de produção audiovisual; “no caso do documentário, muitas vezes, a música qualifica diferencialmente as emoções que a narrativa quer agregar às asserções anunciadas” (RAMOS, 2008, p. 86).

Há muitas produções na Bahia voltadas para a cultura, a música (*Samba-reggae: A arma é musical³*), a história (*Bombardeio de Salvador*), o turismo, costumes (*Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios*, livro de Jorge Amado), a religiosidade (*Bahia, Singular e Plural: Folia de Negros⁴*), entre outros⁵. Existe um filme chamado *Bahia de Todos os Santos*

² Letra da música disponível em <http://letras.mus.br/denis-brean/863874/>. Acesso em 01/11/2014.

³ Documentário disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=e-OZexhy4Uo>. Acesso em 02/11/2014.

⁴ Documentário disponível em <http://religioesafroentrevistas.wordpress.com/documentario-bahia-singular-e-plural-folias-de-negros/>. Acesso em 02/11/2014.

⁵ Mais produções sobre a Bahia podem ser acessadas em http://curtadoc.tv/curta_tag/bahia/.

de Trigueirinho Neto realizado em 1960 e um documentário intitulado *Baía de todos os Santos*⁶ que retrata, sob aspecto mais turístico, a baía cujas margens deram origem a Salvador.

Os filmes supracitados são diferentes do produto aqui apresentado, pois este documentário não aborda a baía ou os santos religiosos, mas sim, pessoas comuns, como por exemplo, vendedora ambulante, artesão, lavador de carros, catador de lixo e cortadora de mandioca que foram reunidos a partir do único pré-requisito de terem o sobrenome *Santos*. Gilberto Freyre, em um de seus poemas sobre a Bahia⁷, disse em um dos versos que a “Bahia é de todos os Santos e de quase todos os pecados” e por que não tratar esses “Santos” e seus pecados?

Como Tavares (2001, p. 44) elucida “tudo o que aconteceu na semana de 22 de abril a 1º de maio de 1500 é parte da História do Brasil, e, portanto, da Bahia. A Bahia é o Brasil. São inseparáveis”, dessa forma, este projeto experimental pode interessar não só aos baianos, mas, também, a todos que admirem a Bahia e o seu povo.

O embasamento teórico, os métodos e etapas de desenvolvimento deste projeto experimental foram distribuídos em três capítulos para melhor compreensão. No primeiro, intitulado “Bahia de todos os Santos, não por acaso” é explicado como foi o processo de descobrimento do Brasil na ilha de Santa Cruz e o porquê da nomeação “Bahia de Todos os Santos”, além disso, conceitos como o de baianidade e representação social são trabalhados, bem como o sincretismo religioso presente no estado.

O segundo capítulo traz uma abordagem sobre a produção de documentários no Brasil e as principais temáticas escolhidas, ressalta-se também o estilo do cineasta brasileiro Eduardo Coutinho para esse gênero. A Micro-História e o interesse de diversos campos por mostrar vidas de pessoas anônimas também são trabalhados. O último capítulo consiste na metodologia usada para a realização deste projeto experimental, dividido em pré-produção, produção e pós-produção. Nessas fases foram apresentados os equipamentos utilizados, fontes entrevistadas, dificuldades na produção, cronograma, orçamento, entre outros. Para finalizar, nas considerações, são expostas as dificuldades encontradas para execução do trabalho, o aprendizado e as expectativas para este documentário.

⁶ Documentário disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wf8JKgxU03A>. Acesso em 02/11/2014.

⁷ Poema disponível em http://www.releituras.com/gilbertofreyre_bahia.asp. Acesso em 02/11/2014.

1. BAHIA DE TODOS OS SANTOS, NÃO POR ACASO

1.1 Origem e história dessa nomeação

A Bahia, estado brasileiro situado na região Nordeste, possui, de acordo com dados do IBGE de 2014⁸, população de 5.126.371 habitantes distribuídos por 417 municípios. Conhecida por suas belas praias e por grande produção cultural, a Bahia de Jorge Amado, Glauber Rocha, Castro Alves, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Milton Santos, Raul Seixas, Ruy Barbosa e de tantos outros artistas e colaboradores para história brasileira foi o primeiro local do país invadido pelas tropas portuguesas. Na passagem do Feudalismo para economia capitalista comercial (a partir do século XII), Portugal e outros países da Europa Ocidental viveram a expansão ultramarina, que consistia em alcançar e dominar terras, sobre as quais se tinham poucas notícias ou não se suspeitava da existência.

Em março de 1500, saiu de Lisboa uma grande esquadra comandada por Pedro Álvares Cabral. O intuito dessa viagem, que contava com dez naus e três navios, era estabelecer relações comerciais regulares com os portos índicos de Calicute, Cananor e Sofala, - iniciadas em 1498 com Vasco da Gama. Após oito dias da partida, a esquadra avistou a ilha de São Nicolau (que compõe o arquipélago do Cabo Verde). Em seguida, chegou ao denominado Monte Pascoal, próximo às terras do Brasil.

Neste dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra! Primeiramente dum grande monte, mui alto e redondo; e doutras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã com grandes arvoredos: ao monte alto o capitão pôs o nome O Monte Pascoal e à terra A Terra da Vera Cruz! (CAMINHA *apud* RONCARI, 2002, p. 30).

No trecho da carta supracitado, Pero Vaz (escrivão) relata ao Rei de Portugal (D. Manuel I) a chegada da esquadra de Cabral ao Brasil na Terra de Vera Cruz (atual cidade de Porto Seguro) no dia 22 de abril de 1500. Ele segue dizendo sobre o contato com os índios que ali já habitavam antes da chegada dos africanos e europeus. Eram os índios das nações

⁸ Dados obtidos em <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ba>. Acesso em 27/09/2014.

Tupi, Jê e Kariri. Tavares (2001) afirma que o índio não foi hostil com os europeus e, inclusive, ajudou a indicar fontes de água potável, frutas, raízes, entre outros.

Apesar de a expansão ultramarina portuguesa ao Brasil ter sido realizada com fins comerciais, a religião também foi utilizada para facilitar a colonização. “A cruz de Cristo acompanharia os portugueses, com a espada do rei, na tessitura do império colonial.” (VAINFAS; SOUZA, 2002, p. 8). Os padres jesuítas eram responsáveis por reunir os índios em aldeamentos com a missão de catequizá-los, ensinar-lhes a língua portuguesa e facilitar a subordinação a Portugal.

Após a descoberta do Brasil, outra expedição saiu de Lisboa no dia 10 de maio de 1501, com o navegador florentino Américo Vespucci. Segundo Tavares (2001), a Baía de Todos os Santos foi descoberta no dia 1º de novembro⁹ de 1501 na continuidade dessa viagem, conforme carta (datada de 4 de setembro de 1504) escrita por Américo enviada a Pedro Soderini (confaloniero¹⁰ de Florença).

Vespucci alcançou terras do Brasil a 16 de agosto de 1501 no ponto por ele denominado cabo de São Roque. Continuou para o sul, descobriu e batizou o cabo de Santo Agostinho, os rios São Miguel, São Francisco e das Virgens e no dia 1º de novembro entrou no golfo, nesse mesmo dia batizado baía de Todos os Santos. (TAVARES, 2001, p. 45).

A Baía de Todos os Santos passou a ser bastante visitada, sobretudo, devido à abundância de água potável, o que a tornou parada obrigatória das naus com destino à Índia. Além disso, essa Baía funcionou como apoio na guerra portuguesa contra as embarcações da França (TAVARES, 2001). Conhecida por grande extensão, hoje um dos locais turísticos mais visitados no Brasil, a Baía de Todos os Santos tem sua importância marcada também por ter sido palco para o surgimento da cidade de Salvador em 1549, primeira capital do Brasil batizada por este nome devido a Cristo, o salvador do mundo.

Vainfas e Souza (2002) explicam essa nomeação devido ao fato de Salvador ter sido a sede do Governo que abrigou o primeiro bispado e os primeiros missionários no país e também por contrapor ao nome “Brasil” que remetia ao diabo. Segundo os autores, o

⁹ Vainfas e Souza (2002) destacam que esse dia se tornou também um feriado católico para louvar todos os santos. Segundo Miranda (2007) o dia de todos os santos foi determinado para existir uma democracia para que nenhum santo fique de fora da homenagem e que seus respectivos fiéis não deixem de recordá-los. O autor acrescenta que todos os santos possuem dois dias: o de sua morte e o dia 1º de novembro.

¹⁰ Confaloniero é um militar oficial e na Itália denominava também a um cargo municipal. Fonte: <http://es.wikipedia.org/wiki/Confaloniero>. Acesso em 13/11/2014.

historiador franciscano, frei Vicente do Salvador, explicaria a nomeação da Terra de Vera e Santa Cruz de “Brasil” por causa “do pau de cor abrasada e vermelha isto porque o Diabo, que perdera o controle sobre a velha cristandade europeia, acharia refúgio na América” (ibidem, p. 9).

“No Brasil, terra diabólica pelo nome, a Bahia abrigaria todos os santos na fundação do Salvador. Santos católicos na intenção. Santos múltiplos nos resultados.” (VAINFAS, SOUZA, 2002, p. 10). Essa multiplicidade de santos é explicada pela presença de outros povos, além dos europeus, que aqui habitavam como os indígenas e africanos. “A procedência baiana é uma característica tão valorizada que se estende frequentemente aos santos. Não se sabe se para, assim, valorizar mais a Bahia e justificar a intimidade baiana com o sagrado ou se para conceder esta honra ao santo.” (MARIANO, 2009, p. 150), mostrando assim, que a Bahia não é considerada de “Todos os Santos” por acaso.

1.2 Sagrado e profano: sincretismo religioso na Bahia

Como citado anteriormente, o povoamento do território baiano foi realizado por grupos étnicos indígenas, europeus e africanos, e, a partir de um convívio entre eles, ocorreram situações propícias a relacionamentos, resultando nos tipos mestiços desses três grupos. Cada um desses povos tinha traços culturais peculiares, sobretudo no tocante à religião. Os índios acreditavam em seres míticos e não tinham sacerdotes ou guardiões¹¹; os africanos tinham fé em deuses animistas do candomblé e por fim, os europeus apresentavam forte influência católica, considerados por Tavares (2001) como maiores contribuidores para cultura baiana, já que há a presença de elementos portugueses na língua, na arquitetura das cidades mais antigas da Bahia, nas igrejas, nos utensílios e principalmente nas festas religiosas.

Amado (1996, p. 36) considera a Bahia como o ponto de encontro das raças e costumes que possibilitou a mistura dos sangues “porto aberto aos barcos do mundo, às ideias

¹¹ Segundo o índio Capim Bará (personagem entrevistado por mim) o pajé era uma espécie de curandeiro ou feiticeiro, com forte conhecimento sobre as enfermidades e plantas, ajudava os membros da tribo quando estavam doentes.

e aos forasteiros, tais condições propiciaram a mestiçagem e o sincretismo cultural (e religioso).” Valente (1976) caracteriza o sincretismo como

uma intermistura de elementos culturais. Uma íntima interfusão, uma verdadeira simbiose, em alguns casos, entre os componentes das culturas que se põem em contacto. Simbiose que dá em resultado uma fisionomia cultural nova, na qual se associam e se combinam, em maior ou menor proporção, as marcas características das culturas originárias. (VALENTE, 1976, p. 11).

Essa intermistura ocorreu devido ao choque entre o conglomerado fetichista negro-africano com o Catolicismo luso-brasileiro resultando em um mix de crenças e costumes religiosos de relação simbiótica. Na Bahia, o sagrado e o profano se misturaram assim como os orixás e santos. Forçados a se ajustarem à religião europeia, os negros escondiam por trás das imagens dos santos católicos, os deuses das religiões fetichistas. Eles se mostravam convertidos aos missionários, mas “apenas aparentemente. Na realidade, conservavam vivo o seu apego fetichismo.” (VALENTE, 1976, p. 69).

Valente (1976) destaca que a amálgama é tão forte que é impossível dissociar a invocação católica da africana, o que resultou nas correspondências entre as divindades negras (orixás) e os santos católicos. “A associação entre Iansã e Santa Bárbara, Iemanjá e Nossa Senhora, Oxalá e Jesus, e várias outras, não são arbitrarias. A memória coletiva africana retém da hagiografia católica aqueles elementos que têm alguma analogia com os orixás sincretizados.” (ORTIZ, 2002, p. 132). Jorge Amado também fala sobre essa correspondência:

É claro que os deuses vindos da África para o Brasil aqui se misturaram e como que se abasileiraram. Misturaram-se com os santos católicos, era assim que os negros escondiam seus deuses e os conservavam, saudando Oxalá ao saudar Senhor do Bonfim, Oxóssi ao festejar São Jorge, Yemanjá ao louvar Nossa Senhora dos Navegantes. (AMADO, 1996, p. 175).

Mariano (2009) ressalta que o sincretismo religioso na Bahia na primeira metade do século XX é considerado por alguns como um resultado natural de convivência entre os povos que habitavam o território baiano e para outros¹², como um recurso dos africanos para salvaguardar suas tradições. E, se antes o candomblé e seus orixás eram mal vistos pela

¹² VALENTE (1976) é desta corrente, para ele, “o sincretismo valeu como uma poderosa arma que de início os negros habilmente maneжaram contra a pressão esmagadora da cultura superior dos povos escravizadores.” (p.68).

sociedade baiana, na segunda metade do século XX, ele está mais forte¹³ e as expressões culturais negras cada vez mais presentes.

Tavares (2001, p. 59) conceitua o candomblé como “conjunto de cerimônias religiosas animistas” com festas que se dividem ao longo do dia. No amanhecer, há uma cerimônia privada de sacrifício de animais em homenagem aos orixás, à tarde o festejo é aberto ao público e baseia-se na oferta de alimentos rituais ao orixá Exu¹⁴ que garante a harmonia da festa e os fiéis formam uma roda para dançar e cantar chamando as divindades, em seguida eles retornam ao terreiro, onde são saudados pela mãe de santo. A cerimônia finaliza-se com todos os orixás presentes dançando e cantando “somente depois desse clímax é que a roda se desfaz, momento em que os orixás vão se recolhendo à camarinha e a mãe-de-santo se retira.” (TAVARES, 2001, p. 59). Mariano (2009) destaca os alimentos votivos, a música (com tambores, agogô, entre outros) e a dança como aspectos fundamentais no contato com as divindades do candomblé.

Para a autora, as celebrações religiosas são uma das manifestações do sincretismo mais visíveis na Bahia, já que combinam “a tradição católica com danças, batuques e degustações, bem ao modo das liturgias africanas.” (MARIANO, 2009, p. 37). Um dos exemplos de festa sincrética mais popular é a festa do Senhor do Bonfim (ou Oxalá para o candomblé), que, inclusive, se tornou Patrimônio Imaterial do Brasil em 2013 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan¹⁵.

A comemoração é realizada na terceira quinta-feira de janeiro (após as festas de Reis) e tem duração de oito dias, mas o maior momento é a lavagem das escadarias da Basílica Santuário Senhor Bom Jesus do Bonfim. Uma procissão é organizada saindo da Igreja da Conceição da Praia (bairro Comércio) à Basílica, totalizando oito quilômetros. Milhares de pessoas participam do trajeto como, por exemplo, as tradicionais baianas (carregando água de cheiro) e os fiéis da religião católica e do candomblé. Cortejo, procissão e missa solene são parte da programação religiosa, mas há também o lado profano com trios elétricos, barraquinhas de comidas típicas, entre outros. “Lá fora as barracas têm nomes como versos. A

¹³ Jorge Amado (1996) identificou, em 1944, a presença de 117 candomblés em Salvador, em 1960 realizou uma nova pesquisa e constatou 611 terreiros de santo e atualmente há 1165 terreiros cadastrados na cidade de acordo com o Mapeamento dos Terreiros de Salvador. Dados disponíveis em <http://www.terreiros.ceao.ufba.br/terreiro/config> Acesso em 27/09/2014.

¹⁴ Tavares (2001) caracteriza Exu como o mensageiro entre os orixás e os seres mortais. Amado (1996) diz que Exu é o orixá em movimento “amigo de um bafafá, de uma confusão, mas, no fundo, excelente pessoa.” (p.186).

¹⁵ Informação obtida no site do Portal Brasil. <http://www.brasil.gov.br/cultura/2013/06/na-bahia-a-festa-do-nosso-senhor-do-bonfim-se-torna-patrimonio-imaterial-do-brasil>. Acesso em 28/09/2014.

multidão vem comer as comidas gostosas. Dentro da igreja as bilhas, os potes e os moringues derramam a água pura das fontes em honra do santo popular.” (AMADO, 1996, p. 136).

Na condição de baiana, noto que apesar de ainda existir preconceitos aos rituais das religiões africanas, o povo da Bahia, calcado na tradição, permanece valorizando a fé, não importa se é em um santo ou um orixá. “Na Bahia é assim / O que vale é a fé / Nada mais/ Vão subindo / A ladeira se unindo / Terreiros e catedrais”. (MOREIRA; MACHADO *apud* MARIANO, 2009).

1.3 “Baiano é um estado de espírito”: a representação social para esse povo abordada no conceito de baianidade

A representação social tem suas raízes, para o psicólogo social Serge Moscovici, nas representações coletivas abordadas pelo sociólogo francês Émile Durkheim (ALEXANDRE, 2004), que podem ser definidas, segundo ele, como o conjunto de fatos sociais que formam uma realidade social, isto é, “imagens, crenças, símbolos e conceitos, surgem diretamente das estruturas sociais. Elas se incluem em todos os fenômenos socialmente produzidos que circulam e são compartilhados na sociedade, como religiões, mitos, ciência e linguagem.” (MARKOVÁ, 2006, p. 177). Ou seja, as representações coletivas estão diretamente ligadas à forma com que os indivíduos veem sua realidade e à cultura e tradição, uma vez que elas são transmitidas às gerações.

Moscovici considera as representações sociais como um conhecimento particular que tem a função de elaborar comportamentos e a comunicação entre os indivíduos criando tanto uma realidade quanto o senso comum. (MARKOVÁ, 2006).

O fenômeno cultural, no qual nascemos, como os módulos do pensamento social, as cerimônias coletivas, as práticas sociais e a linguagem, são transmitidos de geração a geração através de experiências diárias de comunicação, da memória coletiva e das instituições, muitas vezes sem muito esforço individual e sem muita mudança cognoscível. (ibidem, p. 191)

Essas representações sociais se encontram nas mentes das pessoas e também, nos campos midiáticos, já que eles colaboram para criação de novos valores e imagens representativas de um conjunto social.

Os meios de comunicação, nesse contexto, assumiram um papel que ultrapassa a condição de meros veículos das mensagens e dos conteúdos. Além de veicularem informações aos cidadãos eles, no processo da comunicabilidade da cultura e seus valores, são responsáveis pela produção dos sentidos que circulam na sociedade. Isso nos remete à teoria das representações sociais. (MORIGI, 2004, p. 5)

Constata-se, assim, que os meios de comunicação de massa colaboram para a composição das representações sociais. Um exemplo para explicar esse fato é a maneira pela qual a mídia trata e apresenta o modo de ser baiano. Esse tratamento é muitas vezes feito a partir das coberturas jornalísticas (principalmente em eventos como Carnaval, festas religiosas, entre outros), em personagens de telenovelas ou do cinema, pelas letras de música e até mesmo pelos os artistas famosos que frequentemente estão presentes em programas televisivos, de rádio ou em materiais impressos. “As imagens da baianidade, forjadas por artistas, políticos, produtores culturais e agentes mediáticos organizaram em forma de mito as marcas simbólicas da Bahia.” (DUARTE, s/d, p. 1).

Alguns ícones como o berimbau, a baiana do acarajé, a expressão “oxe”, as famosas praias, a musicalidade, o sincretismo religioso, a alegria, o carnaval, os artistas, a culinária são lembrados/identificados por outras culturas para representar o baiano. Essa visão, muitas vezes estereotipada, reduz a diversidade existente na Bahia a um modo de ser baiano construído ao longo dos tempos que se baseia, fundamentalmente, em um perfil criado para os habitantes de Salvador representando a Bahia como um todo.

No vídeo *Baiano fora de casa*¹⁶, o personagem trata este estereótipo do baiano como indivíduo preguiçoso, que vive deitado em uma rede, gosta muito de pimenta e o fato de as pessoas de outros estados acharem que a Bahia inteira tem o mesmo sotaque que os moradores de Salvador.

A verdade é que não existe apenas um tipo único de baiano. As características e costumes variam dentro do estado e também nos municípios. Como baiana, constato uma diferença nítida entre aqueles baianos nascidos, por exemplo, na capital, no interior ou em cidades turísticas como Porto Seguro e Ilhéus, sobretudo, no que tange ao sotaque.

¹⁶ O vídeo faz parte da série OsCaraiBa. Vide <https://www.youtube.com/watch?v=ePJ3dfKN5ic>. Acesso em 01/10/2014.

Tratando da cultura baiana, o mais importante é salientar o fato que ela não é homogênea. A cultura do litoral extremo-sul da Bahia, da região cacauzeira, é muito diferente do interior, por exemplo, da região do rio São Francisco. Até para um estrangeiro que visita esta zona, as diferenças entre as regiões visitadas na Bahia são nítidas. A culinária de cada lugar na Bahia tem seu sabor próprio, o sotaque dos baianos difere de um lugar para outro, assim como a música tocada nas ruas tem seus ritmos variáveis. (ZRNÍKOVÁ, 2007, p. 8).

Como uma forma de se materializar a representação social baiana, criou-se o conceito de baianidade considerada por alguns como um jeito de ser baiano ou uma “identidade” baiana. No entanto, é importante ressaltar que esse termo se refere, na maioria das vezes, a Salvador e às cidades do Recôncavo da Baía de Todos os Santos e muitas pessoas do estado não se veem contempladas por esse estereótipo.

Como poderiam as regiões de Juazeiro, ao norte, Ilhéus e Itabuna, a leste, Vitória da Conquista, no sudoeste, mostrar suas diferenças dessa marca cultural dominante? Em cada uma destas regiões as histórias de suas fundações são singulares, a alimentação é diferente, o sotaque um pouco distinto, o caldeamento racial diverso, as condições de clima, vegetação e solo peculiares, as produções/manifestações culturais características. Mas esta diferença não consegue aparecer. (DUARTE, s/d, p. 3).

Zrníková (2007) traz a definição de baianidade por Milton Moura (sociólogo) que a considera como um perfil de identificação, tendo como pilares básicos a familiaridade, a sensualidade e a religiosidade. Para identificar elementos desse conceito, a jornalista Agnes Mariano (2009) pesquisou nas canções do século XX características que remetessem à Bahia e o jeito de ser do seu povo. Os ícones acerca da religiosidade, culinária, aptidão para dança e traços mais idiossincráticos que compõem a representação do baiano foram observados em músicas da primeira metade do século, - a “boa terra” (Bahia pré-capitalista) -, e também na segunda metade, intitulada “terra do axé” (época que o estado se descobre cada vez mais negro).

O sincretismo religioso é uma característica de destaque da identidade baiana, sobretudo, entre a religião católica e as afrobaianas. Segundo Mariano (2009), a religião é exaltada tanto no plano sagrado quanto no profano. Exemplo disso são as comemorações para o Senhor do Bonfim, Senhor Bom Jesus dos Navegantes e Iemanjá em que se combinam danças, alimentação, rituais, orações etc. O baiano deposita nos santos e orixás a fé para lidar com problemas da vida nos âmbitos profissional, amoroso, íntimo, entre outros.

Se o fervor religioso – sugerido pelo nome da cidade, do Salvador, do seu maior acidente geográfico, “Baía de Todos os Santos”, e pela lenda das 365 igrejas – é verdadeiro ou não, é difícil avaliar, mas certamente o tema possui um significado especial no discurso da baianidade. (MARIANO, 2009, p. 36).

Senhor do Bonfim, lembrado também por supersticiosos de outros estados brasileiros, principalmente, pela tradicional fitinha¹⁷, é considerado o “protetor dos baianos” (GUIMARÃES *apud* MARIANO, 2009, p. 40) principalmente daqueles que não têm poder aquisitivo, como pode ser visto na música de Gilberto Gil: “Madalena chorava, sua mãe consolava, dizendo assim, pobre não tem valor, pobre é sofredor e quem ajuda é Senhor do Bonfim¹⁸”.

Assim como a religiosidade, a culinária também é traço marcante da baianidade, inclusive, muitos rituais de candomblé envolvem pratos elaborados como oferendas para alguns orixás. Além disso, a alimentação torna-se um traço cultural associada muitas vezes à pimenta e à abundância.

A fartura está ligada, neste caso, diretamente à questão da hospitalidade baiana, já que, mesmo que pobres, não há economia na quantidade e diversificação dos ingredientes dos pratos para receber convidados. “Os comensais precisam sempre ser generosamente servidos, o que motiva a constante preparação de grandes quantidades de comida”. (MARIANO, 2009, p. 58).

Acrescenta-se ainda a corporeidade. A destreza para dançar, as vestimentas, o modo desinibido e a graça nos movimentos são características exemplares dos baianos, sobretudo das mulheres. “Parece que se trata de um verdadeiro pré-requisito da identidade baiana este modo misterioso e inexplicável de dançar e movimentar-se.” (MARIANO, 2009, p. 64).

A autora destaca também a alegria, a festa e o carnaval como elementos centrais da baianidade, somados a outros atributos como a coragem e um jeito estabanado, falastrão, guerreiro, e altivo. A sedução é muito presente tanto no modo de agir, quanto nas pessoas e nas próprias paisagens do estado.

Sob a perspectiva de Mariano acerca da baianidade, resume-se a representação do baiano como indivíduo que preserva a tradição e a continuidade, no sentido que engloba desde

¹⁷ A fita do Bonfim tem origem em 1809 e media 47 centímetros de comprimento, a medida do braço direito da estátua de Jesus Cristo, Senhor do Bonfim, localizada no altar da igreja mais famosa de Salvador. <http://feiticobaiano.com.br/fita-do-sr-do-bonfim/>

¹⁸ Letra da música na íntegra em <http://letras.mus.br/gilberto-gil/46216/>

costumes religiosos até a vontade de retornar ao seu local de origem. Pessoa alegre, hospitaleira, criativa e guerreira. Uma cultura miscigenada e com forte influência africana na religião, na culinária, na dança e nos ideais e lutas populares. Local de inspiração e de grandes artistas, desencadeando na frase “baiano não nasce, estreia¹⁹”, expressão correlata a “negro não nasce, aparece” (DEGLER *apud* FONSECA, 2012, p. 70) que sugere o fato de o baiano ser uma estrela no palco da vida que é, muitas vezes, repleta de dificuldades. Ou, segundo a definição de Jorge Amado (1996, p. 25), que diz “baiano quer dizer quem nasce na Bahia, quem teve este alto privilégio, mas significa também um estado de espírito, certa concepção de vida, quase uma filosofia, determinada forma de humanismo”.

Reiterando o que aqui já foi destacado, o conceito de baianidade e as características atribuídas aos baianos por suas representações sociais não contempla a todos, já que cada indivíduo se difere um do outro e possui traços e preferências pessoais. Nem todo baiano é preguiçoso, sensual, gosta de festa, costuma cozinhar para receber amigos, vive deitado em uma rede, entre outros atributos. Pelo contrário, a Bahia é um estado miscigenado assim como seu povo que, por sua diversidade, não deve ser “englobado” em um conceito generalizador.

¹⁹ Afirma-se que Dorival Caymmi dizia essa expressão. Fonte: http://www.istoe.com.br/reportagens/29990_O+MERCADO+DA+ALEGRIA. Acesso em 03/10/2014.

2. DOCUMENTÁRIO COMO PALCO PARA PESSOAS ANÔNIMAS

2.1 Documentário, definição e temáticas atuais no cenário brasileiro

Desde o momento da opção por produzir um documentário audiovisual foram iniciadas pesquisas acerca do gênero e, apesar da variedade de referências bibliográficas da área, é comum a discussão em torno da conceituação e a dificuldade de fazê-la. Associado muitas vezes ao que Ramos (2008) chama de conceitos-mala, como verdade, objetividade, realidade ou “a vida como ela é” (TEIXEIRA, 2004, p. 13), “tratamento criativo da realidade” (GRIERSON *apud* LUCENA, 2012, p. 9), o documentário pode ser sintetizado em:

uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhada muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas) para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa. (RAMOS, 2008, p. 22).

Ramos (*op. cit*) também aponta elementos estruturais que compõem o documentário, são eles: a tomada da imagem, correspondente a um sujeito portando uma câmera e um gravador (ou qualquer outro aparelho que capturem imagens e áudio) sendo que cada plano é uma tomada; o sujeito da câmera que é a pessoa que filma/ sustenta a tomada (inclusive passa para ela traços subjetivos); a fôrma câmera compreendida como “tudo o que atravessa suas lentes e deixa o traço de sua presença no suporte” (RAMOS, 2008, p. 84).

O autor acrescenta ainda, a montagem da narrativa, - “localizada” entre a tomada e o espectador -, que abarca o conjunto de vozes (*over*²⁰, em primeira pessoa, do diálogo nas entrevistas, dos depoimentos, das imagens de arquivo, da música, entre outras) e também o que ele intitula de “mão oculta” que está ligada às articulações dos planos, chamada de “montagem” (podendo produzir, inclusive, sentidos). E, por último, o espectador, que segundo Ramos (2008), representa o cerne da fruição documentária, pois ele pode evidenciar a experiência do sujeito-câmera por meio do que está assistindo, ou seja, se a partir da

²⁰ Também conhecida como “voz de Deus” (NICHOLS, 2005) ou “voz do saber” (BERNARDET, 2003) trata-se de uma narração sobre imagens, costurando a narrativa.

imagem-câmera o espectador conseguir identificar a subjetividade do sujeito-câmera, a narrativa assertiva terá sido eficaz.

Ainda sobre a definição, Gauthier (2011) ressalta que o documentário não é um gênero da ficção como, por exemplo, o terror e a comédia. Para o autor, nesse tipo de filme é a filmagem que comanda e ela é imprevisível, isto é, há uma hipótese de roteiro e/ou orientação que só se delinea após a gravação sendo suscetível a surpresas. Outro ponto levantado por Gauthier (*op. cit.*) é a diferença entre simulacro e autorrepresentação²¹, no que diz respeito ao fato de não existir atores representando outras pessoas. Eles podem até mentir diante às câmeras, mas desempenham seus próprios papéis.

Opinião convergente à de Eduardo Coutinho, cineasta brasileiro, que falava sobre a ingenuidade do público ao acreditar na filmagem da verdade/realidade do documentário. De fato, o que ocorre é a verdade da filmagem, ou seja, o que se filma é real, mas, o que se diz pode não ser verdadeiro.

Não existe um cinema de documentário que seja o real. Não estou preocupado se o cara que eu entrevisto está dizendo verdade – ele conta sua experiência, que é a memória que tem hoje de toda a sua vida, com inserções do que ele leu, do que ele viu, do que ele ouviu; e que é uma verdade, ao mesmo tempo que é o imaginário. Não estou preocupado com a verdade pedestre das coisas, por isso a palavra dele me interessa. (COUTINHO *apud* MACEDO, 2013, p. 223).

Nichols (2005, p. 30) fala sobre “representação” como ideia fundamental para documentário já que representa “os pontos de vista de indivíduos, grupos, instituições”. Para Lins e Mesquita (2008, p. 13) o documentário na sociedade brasileira atual é o “lugar de produção de imagens ‘menores’, da realização de autorrepresentações, da afirmação da diversidade de experiências, identidades e linguagens”, viabilizado devido às iniciativas para democratizar a produção como, por exemplo, os programas do Ministério da Cultura como o Revelando Brasis²², o Cine Mais Cultura²³ e o Funcine²⁴.

²¹ O autor explica que enquanto no primeiro as pessoas interpretam/simulam outrem (que pode existir apenas na imaginação), no último elas representam a si mesmas.

²² Revelando Brasis é um exemplo de projeto do Ministério da Cultura que incentiva pequenas cidades do Brasil a produzir e exibir cinema. Mais informações em <http://www.revelandoosbrasis.com.br/>. Acesso em 22/10/2014.

²³ Consiste em espaços para exibirem produções audiovisuais nacionais. Informações obtidas em <http://www.cultura.gov.br/cine-mais-cultura>. Acesso em 02/11/2014.

²⁴ Fundo de Financiamento da Indústria Cinematográfica Nacional, criado em 2001, apoia projetos de obras nacionais independentes, construção e reforma de salas de cinemas brasileiros, entre outros. Fonte:

Acerca disso, Teresa Trindade (2011) aborda a diferença existente no contexto de produção de filmes documental entre o Brasil e alguns países europeus. A autora ressalta, por exemplo, que enquanto na Inglaterra e na Espanha as televisões públicas e as privadas produzem e exibem os documentários, o cenário brasileiro é diferente, pois, o que ocorre é o apoio à produção por meio de leis de incentivo e editais²⁵ que subsidiam o desenvolvimento dos filmes, mas, não há grande preocupação em estimular o mercado consumidor.

Além disso, sobre produções brasileiras, Trindade (2011) em sua tese criou cinco categorias para classificar os temas dos documentários de 2000 a 2009, são elas:

a) Questões sociais e políticas: produções ligadas à denúncia, a situações carentes no país (lixões, presídios, favelas, etc), corrupção, lutas, greves, entre outros. Ex: *À margem da imagem* (2004) que mostra o estilo de vida de moradores de rua de São Paulo e *O cárcere e a Rua* (2005) que aborda a questão do sistema prisional brasileiro;

b) Esportivo: documentários sobre esportes, principalmente, o futebol e personagens famosos ou instituições (clubes) da área. Ex: *Zico* (2003), *Pelé Eterno* (2004), entre outros;

c) Música e/ou personagens musicais: filmes sobre a música brasileira e os ícones dessa área. Ex: *Um certo Dorival Caymmi* (2000) e *O homem que engarrafava nuvens* (2010) que fala sobre o compositor Humberto Teixeira.

d) Personagens ou personalidades: documentários cujo foco são histórias de vidas de pessoas famosas (exceto àquelas ligadas à música ou esporte) ou anônimas. Ex: *Edifício Master* (2000) que aborda moradores de um edifício em Copacabana e *Rocha que voa* (2002) sobre a vida de Glauber Rocha;

e) Temáticos: filmes que abordam um assunto principal (não relacionados aos quatro grupos anteriores). Ex: *O Chamado de Deus* (2001) – fala sobre a vocação de seis jovens à vida religiosa e *Pro dia Nascer Feliz* (2007) que retrata o cotidiano de adolescentes em quatro escolas.

É importante salientar que a mesma autora no artigo *O documentário e o seu público* faz uma separação entre documentários de personagens e personalidades acrescentando, assim, mais uma categoria. Acerca dos filmes documentais de personagens, Trindade (2010)

http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/inaugurado-no-rj-complexo-cinematografico/10883. Acesso em 02/11/2014.

²⁵ Além das leis (Rouanet, do Audiovisual, etc) há editais em âmbitos municipais, regionais e nacionais que incentivam a produção audiovisual. Conheça em <http://www.cultura.gov.br/editais-de-fomento-a-producao-audiovisual-brasileira>. Acesso em 03/11/2014.

caracteriza-os com foco nas histórias, cotidiano, traumas etc. de pessoas comuns e desconhecidas (diferente do documentário de personalidades cujos protagonistas são celebridades), tendo como maior expoente, para ela, Eduardo Coutinho – que será abordado na próxima seção. De acordo com essa classificação, o documentário *Bahia de Todos os Santos* se encaixa melhor na categoria de personagens, pois os protagonistas são baianos anônimos que, por meio de entrevistas, contam suas histórias, defeitos, qualidades, crenças, entre outros.

2.1.2 Estilo “Eduardo Coutinho” de fazer documentários

Segundo Gonçalves (2006), até os anos 60, predominavam no Brasil, documentários com temáticas ligadas à etnografia, belezas naturais e educação. O autor diz que, no início do cinema brasileiro (1896 até 1908), predominavam os filmes chamados “tomadas de vista”, que mostravam belezas do país filmadas fundamentalmente por estrangeiros. As décadas de 10 e 20 foram marcadas pela presença de cine-jornais e documentários com a finalidade de levantar recursos para o cinema ficcional, com destaque para trabalhos de antropólogos que filmavam comunidades indígenas e apresentavam imagens do considerado ainda “desconhecido” para o Brasil urbano. Nos anos seguintes, as produções voltadas para propagandas do país (incluindo a natureza e as inovações) estavam em destaque, e a partir de 1936, com a criação do INCE²⁶, foram produzidos documentários educativos sobre as áreas rurais, fauna e flora, filmes científicos, entre outros.

As produções dos anos 60 e 70 são voltadas para o interior do país e suas mazelas, como o subdesenvolvimento e a desigualdade social (GONÇALVES, 2006). Bernardet (2003) reuniu no livro *Cineastas e imagens do povo* críticas a alguns documentários brasileiros desse período, que, segundo ele, é marcado por produções ligadas às inquietações e aos problemas sociais, surgindo assim o gênero por ele batizado de “modelo sociológico”:

²⁶ Segundo Gonçalves (2006, p.81) o Instituto Nacional do Cinema Educativo, criado pelo governo federal, “pretendia mostrar uma imagem positivista do Brasil, com intenção de democratizar o conhecimento partindo das classes intelectualizadas para as desfavorecidas”.

No contexto sociocultural do início dos anos 60, marcado pelas diversas tendências ideológicas e estéticas que queriam que as artes não só expressassem a problemática social, mas ainda contribuíssem à transformação da sociedade, desponta um gênero cinematográfico que chamarei de ‘modelo sociológico’. (BERNARDET, 2003, p. 12).

Neste modelo de representação social, as comunidades (o macro) estão em primeiro plano. Bernadet (2003) e Bezerra (2013) observam a mudança no gênero a partir do filme *Cabra marcado para morrer* (em 1984) de Eduardo Coutinho, considerado por ambos um divisor de águas. “É uma obra de ruptura, marcou o fim de um ciclo no documentário brasileiro, aboliu certo viés ‘conservador’ na adesão às técnicas dos cinemas diretos pelos nossos realizadores.” (BEZERRA, 2013, p. 402). Isso se dá, segundo o autor, por Coutinho participar do documentário diante das câmeras, por ter sido o pioneiro do uso da reflexão e subjetividade e ter diluído a tradição da *voz over*.

Bezerra (2013) identifica três fases para o documentário de Eduardo Coutinho: a primeira de experimentação (produções encomendadas pelo Globo Repórter), a segunda de gestação de um estilo (fora da emissora, ele começa produzir os primeiros documentários independentes) e a última trata-se da consolidação do estilo ancorado em personagens. Isto é, o modo de Coutinho escolher indivíduos e retratá-los não pelo o “todo”, mas, por suas idiossincrasias.

Alguns documentários dessa fase são *Santo Forte* (1999), no qual as pessoas comuns falam sobre suas experiências religiosas; *Edifício Master* (2002) e *As Canções* (2011), que apresenta anônimos cantando músicas marcantes em suas vidas. Um elemento comum nesses filmes é a proximidade entre Coutinho e os personagens: muitas vezes a voz dele aparece na gravação mostrando o diálogo existente. O cineasta dizia que gostava de gravar próximo à fonte “não filmo nunca a cinco, dez metros; prefiro aparecer no quadro, tornar a câmera mais pobre, tendo que filmar em close, mas estou sempre próximo do personagem, a meio metro, um metro” (COUTINHO, 2013, p. 24) porque prefere o tom de conversa com a pessoa e não de entrevista.

“Não encontro o povo encontro pessoas” é assim que Coutinho (*apud* EDUARDO; VALENTE; GARDNIER, 2013, p. 290) diz sobre não importar com as multidões (em alguns cenários como o lixo, uma favela, um edifício, entre outros), mas com cada pequena parte que as compõem. E é essa característica marcante dos documentários desse cineasta, cujos protagonistas não estão ali apresentados para dar informações e sim para falarem da própria

vida. Ou seja, o personagem é humano e não o representante de um grupo, e por isso, pode mostrar seu lado emotivo, brincalhão, dramático, mentiroso, contraditório, enfim, suas individualidades. “Geralmente as pessoas têm muito a perder. Por que as pessoas anônimas são tão fantásticas? Porque elas têm muito menos a perder do qualquer um de nós.” (COUTINHO *apud* MESQUITA, 2013, p. 245).

Acreditando na grandeza da história de vida de anônimos, *Bahia de Todos os Santos* é um documentário, inspirado no modo de produção de Coutinho e na Micro-História (assunto trabalhado a seguir), que aborda este universo particular de cada personagem baiano entrevistado. “Cada ser humano é diferente um do outro, e o mistério humano é isso. São todos submetidos às mesmas regras, do ponto de vista econômico, do ponto de vista sociológico, mas todos têm algo de singular, único. O que eu faço é sair para descobrir o quê, só isso.” (COUTINHO, 2013, p. 180).

2.2 A micro-história e o universo das pessoas comuns

Para criar novas abordagens e novos objetos de observação no contexto mundial foi criada a Nova História, que, segundo Burke (1992), é uma tendência antiga e apesar de ser primeiramente datada em 1912 por um estudioso americano²⁷, foram nos anos 70 e 80 que os novos historiadores da Europa, Japão, Índia, América Latina e de outros lugares do mundo se recusaram a ser marginalizados e reagiram contra o paradigma tradicional. Para o autor, esse novo método pode ser associado à terceira geração da *École des Annales*²⁸, sendo por isso,

²⁷ Burke (1992) diz que a expressão “Nova História” foi abordada primeiramente por James Harvey Robinson em um livro com este título cujo conteúdo era a história levando-se tudo em conta a partir do primeiro aparecimento do homem na terra. E, para Robinson este método reúne todas as descobertas de antropólogos, economistas, psicólogos e sociólogos.

²⁸ Segundo Barros (2010), trata-se de um movimento historiográfico inovador na França desenvolvido em torno da revista *Annales*, - criada para promover um novo tipo de história. A primeira fase (1920-1945) dos *Annales* é marcada por guerrilhas contra a história tradicional, Marc Bloch e Lucien Febvre foram os responsáveis pela primeira edição de 1929. Fernando Braudel é o grande nome da segunda fase (após a II Guerra Mundial) caracterizada por solidificar os conceitos e métodos dos novos historiadores e na terceira (por volta de 1968) sem um “poder” central e composta por vários historiadores se destaca por novas aberturas na prática historiográfica, - sobretudo devido à efervescência dos movimentos sociais da época -, tendo como exemplo a Micro-História e a História Cultural.

mais bem conhecido na França a partir de uma coleção de ensaios do francês Jacques Le Goff intitulada “*La nouvelle histoire*” de 1978.

A novidade da Nova História em relação à História tradicional está relacionada a alguns pontos como: o interesse por toda a atividade humana sem se restringir apenas à política; a ideia de que a realidade é construída social e culturalmente; a visão de cima para baixo abre espaço para o inverso, pois os novos historiadores se preocupam também com as opiniões e vivência de pessoas comuns, - diferente do modo até então vigente que considerava apenas os feitos dos “grandes homens” (estadistas, generais, líderes, eclesiásticos) -, a escolha por outras fontes históricas sem se basear apenas em documentos oficiais, entre outros (BURKE, 1992).

Thompson (1992) também ressalta o fato de a História, antes do século XX, ter o enfoque, - majoritariamente -, político e as vidas de pessoas comuns não mereciam muita atenção, sendo consideradas apenas para fazer parte de estatísticas da economia, administração ou política. No entanto, os historiadores da Nova História, sobretudo, da área da Micro-História começaram a se interessar pela ideia de que cada indivíduo pode contribuir para o todo.

Nascida na Itália, entre o fim dos anos 70 e início da década de 1980, em torno de um grupo que fazia parte da revista *Quaderni Storici* e inspirada naquelas novas perspectivas surgidas na França, a Micro-História tem suas raízes na insatisfação de alguns historiadores em relação ao modo²⁹ que, até então, era tratada a história no meio acadêmico-intelectual em um país pós-guerra. Segundo Leite (2011) é a partir de uma série intitulada *Microstorie* (publicada entre 1981 e 1988) dirigida pelos pesquisadores Carlo Ginzburg e Giovanni Levi que a Micro-História começa a ser conhecida pelo mundo.

Levi (1992) destaca que a Micro-História não é uma corrente ou uma escola, mas sim, uma nova abordagem e/ou método historiográfico cujas características principais são a escala de observação reduzida, a análise microscópica e minuciosa para revelar elementos previamente não notados e o estudo intensivo do material. Barros (2007) ressalta que a partir de um fragmento (uma vida, uma trajetória, uma prática, um crime) o pesquisador da Micro-História pode descobrir algo na sociedade, isto é, a ele não interessa a comunidade (o todo), mas o estudo por meio dela para chegar a determinado objetivo. A redução da escala a esse

²⁹ Para Levi (1992) a Micro-História surgiu com o objetivo de refutar o trabalho do historiador que apenas interpretava textos e não os próprios acontecimentos.

fragmento corresponde a uma análise intensiva do que está sendo estudado, atentando-se a todos os detalhes despercebidos à História tradicional.

Alguns exemplos citados por Levi (1992) para ilustrar esse método são: estudar a introdução do tear mecânico em uma pequena aldeia têxtil para falar sobre a inovação e descobrir quais são as regras das trocas comerciais por meio da análise do funcionamento das transações de terra em uma aldeia. Neste último, o autor conta que por meio da redução da escala (a um grupo) foi possível verificar que o preço da terra variava de acordo ao relacionamento de parentesco entre as pessoas envolvidas no negócio. Ou seja, eram as relações pessoais que “determinavam o preço, o prazo e as formas pelas quais as terras trocavam de mãos.” (LEVI,1992, p. 141).

Segundo Leite (2011), o interesse por histórias das classes subalternas em lugar das classes elitistas é chamado por alguns historiadores de *from below*³⁰. A biografia dessas pessoas comuns são levadas em conta na Micro-História não com um fim em si mesmas, mas com o quê esses indivíduos podem contribuir para uma dada questão social. Contudo, Levi (1992, p. 158) destaca que, apesar do valor dado ao particular, a Micro-História não se opõe ao social, ela leva em conta a multiplicidade das representações e “tenta não rejeitar todas as formas de abstração, pois fatos insignificantes e casos individuais podem servir para revelar um fenômeno mais geral”.

Inspirado na abordagem micro-histórica, o documentário *Bahia de Todos os Santos* retrata personagens comuns como vendedora ambulante, lavador de carros, artesão, cortadora de mandioca, catador de lixo, não para representar um segmento social, mas por suas peculiaridades, histórias, características, curiosidades. Esta escolha parte de um interesse pessoal e também pelo fato de o sobrenome *Santos* e de outros patronímicos de conotação religiosa³¹, segundo Machado (2008), ocorrerem com maior frequência em baianos de ancestralidade africana, moradores de subúrbios e/ou regiões de classe socioeconômica mais baixa confirmando a relação existente no Brasil, entre população negra e pobreza. Assim sendo, essa informação coincide com os protagonistas do documentário que são anônimos e não possuem alto poder aquisitivo.

Além da História, outras áreas do saber como a Antropologia, Sociologia e Comunicação têm se interessado também por indivíduos comuns. A jornalista Eliane Brum em *A vida que ninguém vê* (2006) retrata acontecimentos que não são veiculados na grande

³⁰ Expressão utilizada para o método que consiste em ouvir as histórias contadas a partir de baixo, isto é, das classes subalternas às elitistas.

³¹ Como por exemplo, Jesus, Conceição, Anjos, Piedade, entre outros.

mídia e pessoas que não são famosas, como é o caso de Adail, um senhor que trabalha em um aeroporto e nunca teve oportunidade de “voar”, Geppe Coppimi um mendigo de 90 anos que não gosta de tomar banho e Leandro Siqueira dos Santos, o menino do morro que sofreu traumatismo craniano e não pôde mais andar.

Em *Edifício Master* (2002), documentário do cineasta Eduardo Coutinho, moradores do prédio de Copacabana que dá nome ao filme são entrevistados por ele e sua equipe. Mas, não são abordados como um “todo” e sim, por suas individualidades, como é o caso de Alessandra, garota de programa, cujo destaque em sua entrevista não é a profissão, mas, o fato dela admitir que é mentirosa e que gosta de gastar o dinheiro com *fast food*. Carlos e Maria Regina é um casal com problemas rotineiros na relação e, apesar disso, se amam, e Esther, uma senhora que foi assaltada, pensou em se jogar da janela e não o fez porque tinha que pagar prestação de lojas.

Brum e Coutinho não são os únicos a se interessarem por mostrar vidas simples. O jornalista Vinícius Silva ouviu histórias de anônimos em uma Praça no Rio de Janeiro com um quadro escrito “Conte sua história” e acompanhado de um gravador, escutava o que cada pessoa, que por ali passasse, queria contar³². Quatro amigos utilizam um blog³³ para abordar rostos anônimos como, por exemplo, “*O cineasta do sexo*” que apresenta o alagoano Lobão produtor de filmes eróticos e “*O velho e o mar*” que conta história do pescador analfabeto Manoel. O psicólogo Fernando Braga, ainda na universidade, vestiu-se de gari e exercia o ofício uma vez por semana, possibilitando que ele constatasse como esse profissional é invisível perante a sociedade. Braga se interessou cada vez mais por histórias de vidas dos garis e por meio de relatos orais escreveu o livro *Homens Invisíveis, relatos de uma humilhação social*, publicado em 2008.

Todos esses exemplos aqui citados representam pessoas que fazem parte de um cotidiano considerado inócuo e que muitas vezes são invisíveis à sociedade que tem, quase sempre, o foco direcionado pela mídia para figuras públicas e celebridades, grandes especialistas, políticos, ou até mesmo “heróis” e “vítimas”. Para Silva (2005), isso ocorre, dentre outros fatores, devido aos valores-notícias, isto é, critérios de relevância para selecionar o que é notícia, como por exemplo, a fama. A autora cita outros pesquisadores da área como Bond, Golding-Elliott, Hetherington e Wolf que também consideram a

³² Veja mais em <http://extra.globo.com/noticias/rio/jornalista-mineiro-ouve-historias-de-pessoas-comuns-em-praca-do-rio-conta-no-facebook-13551994.html>. Acesso em 18/10/2014.

³³ Conheça o blog em <http://vidasanonimas.com.br/>. Acesso em 18/10/2014.

proeminência (notoriedade, celebridade, posição hierárquica, elite, herói) um fator determinante para noticiar um fato.

Como a narrativa documental permite ao seu idealizador liberdade temática sem ter que obedecer a critérios preestabelecidos, o produto aqui apresentado procura conhecer o universo de pessoas anônimas ao, como afirma Bezerra (2013) acerca dos documentários de Coutinho, apostar na arte de suas vidas e assim, “desprogramar” os clichês de comportamentos e falas disseminados na mídia.

3. RELATÓRIO TÉCNICO

Este capítulo apresenta o processo de realização do documentário *Bahia de Todos os Santos*. A metodologia deste produto foi dividida em três etapas: pré-produção, produção e pós-produção que serão descritas a seguir.

3.1 Pré-produção

Esta fase compreende desde o projeto de pesquisa até o momento inicial das gravações. Após ter assistido a vários documentários brasileiros e ter feito um para a disciplina de Telejornalismo, criei por esse gênero uma grande afinidade, influenciando, assim, na escolha deste produto para o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Durante algum tempo, fiquei pensando no assunto a ser abordado, mas, desde o início, tinha a certeza de procurar produzir algo que me estimulasse.

Sempre tive muito orgulho de minha terra e vontade de fazer trabalhos ligados a ela. Durante o curso, produzi artigos e trabalhos práticos que remetiam ao Nordeste e o seu povo. Participei também de um projeto de extensão, *O Expresso - o jornal-mural para quem anda de ônibus*, que tem como um de seus diferenciais pautar pessoas que não estão na grande mídia. Ao produzir matérias, tive a oportunidade de conhecer esses indivíduos e me encantar cada vez mais por história de anônimos.

Procurando por estudos ligados à Bahia, encontrei a Dissertação da pesquisadora Taisa Machado (2008) cujo foco de estudo é a ancestralidade nesse estado. Um dos pontos abordados na pesquisa é a influência dos sobrenomes para estimar a origem africana dos baianos e também a predominância do patronímico *Santos* (e outros de conotação religiosa) na Bahia.

Pensando nisso e na frase conhecida “Bahia de Todos os Santos” queria fazer um documentário que apresentasse baianos comuns que tivessem o sobrenome *Santos*, sem ter que ficar presa à religiosidade. A ideia ainda era tímida, mas, após uma reunião com minha orientadora (no sétimo período) que me deu total apoio e estímulo para produzi-lo, decidi então, que esse seria meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Comecei, então, a realizar a pesquisa bibliográfica acerca do tema e gênero escolhidos e desenvolvi o projeto de pesquisa no primeiro semestre deste ano. Durante as reuniões de orientação³⁴, eu e minha orientadora decidimos que à minha proposta, a Micro-História, representação social, baianidade, o documentário de Eduardo Coutinho, entre outros temas, atenderiam melhor. Para esse embasamento, consultei obras de alguns autores como Agnes Mariano, Levi, Burke, Marková, Nichols, Ramos e outros que foram fundamentais para sustentar o assunto do meu projeto experimental.

Sobre as filmagens, é importante destacar alguns empecilhos. Primeiro a respeito dos equipamentos, como os do curso não podem sair de Viçosa precisaria encontrar outro meio em minha cidade (Vitória da Conquista-BA). Segundo, em relação aos deslocamentos e viagens para gravar e por fim, não poder estar perto da minha orientadora. Sobre este último ponto, contei mais uma vez com seu apoio e compreensão ao se mostrar solícita para orientar à distância.

Sabendo da dificuldade e do alto custo de uma produção audiovisual, comecei a procurar suporte em minha cidade nos meses de julho e agosto. Neste período também iniciei a busca por fontes (baianos de sobrenome *Santos*) em Vitória da Conquista e Porto Seguro. Este passo foi importante para constatar como seria melhor a condução das entrevistas. Aluguei uma câmera e, em Porto Seguro, conheci um carroceiro e alguns pescadores. Em Conquista, encontrei o senhor Manoel, que apesar de não ter nenhum documento, me garantiu que tinha sobrenome *Santos*. Cheguei a gravar com ele em sua casa, mas, após ajudá-lo no processo de recuperação dos documentos, descobrimos que ele era *Ramos* e não *Santos*, desse modo, ele não poderia participar do documentário. As outras entrevistas também não puderam ser aproveitadas devido à má qualidade do áudio.

Nessa fase, pude perceber que não daria para fazer o documentário sozinha, precisaria de alguém para me acompanhar nas gravações, fui à procura de apoio. Realizei um primeiro contato com os secretários de Cultura e Turismo do município que não puderam me ajudar nas filmagens, mas me prometeram auxílio na edição. Em seguida, procurei o diretor da TV UESB (Universidade Estadual da Bahia) que fechou comigo o compromisso de disponibilizar um técnico e o equipamento que eu precisasse. Com isso, retornei à Viçosa para desenvolver a parte teórica do trabalho (memorial) e outras pendências, com o cronograma de filmagens

³⁴ Durante o período referente à execução do Trabalho de Conclusão de Curso, reuni com a minha orientadora nos dias que fiquei em Viçosa e em seguida, trabalhamos pelo meio online.

organizado para outubro. Voltei à Bahia na data programada e após vários telefonemas e idas à TV, não pude contar com esse apoio.

Decidi procurar mecanismos por mim mesma e convidei Manuela, uma amiga fotógrafa, para desenvolver o trabalho comigo. Como sua experiência é maior na área de fotografia, ela me indicou um cinegrafista (Aloísio) para o trabalho. Comprei uma lapela e uma câmera para auxiliar no processo, definimos os aspectos mais técnicos, como os equipamentos e materiais utilizados, movimentos de câmera e de lentes, planos de enquadramentos, iluminação e sonorização e iniciamos, assim, a fase de produção.

3.2 Produção

Apesar de eu ter começado a filmar sozinha, em julho e final de outubro, considero a produção do produto final a partir de novembro, mês das gravações realizadas com Aloísio. As filmagens das entrevistas ocorreram em seis dias, no primeiro em minha cidade, em seguida Porto Seguro e por fim, Ilhéus. A escolha por esses municípios se deu em primeiro lugar, devido à acessibilidade, já que se tratava de locais mais próximos a mim, e também por Porto Seguro ter sido o lugar do descobrimento do Brasil, Ilhéus devido à forte cultura cacauera e Vitória da Conquista, que, além de ser minha cidade de origem, é também do cineasta Glauber Rocha.

No primeiro dia, fomos a um bairro periférico de Vitória da Conquista e, após termos descoberto que o senhor Manoel não era *Santos*, saímos pelas ruas procurando outro personagem. Foi assim que conhecemos Reginaldo, catador de lixo, e gravamos com ele na rua. Em seguida, fomos a outro bairro, conhecido por ter muitas casas de farinha (local onde a mandioca é transformada em farinha, em V. Conquista é comum mulheres trabalhando nesse tipo de serviço), e visitando uma delas, conhecemos a senhora Jesoína. Como essas pessoas estavam na rua, tivemos que gravar com elas em pé. Para manter um padrão, a partir dessas entrevistas, todas que as sucederam também foram gravadas da mesma maneira.

No dia seguinte, viajei para Porto Seguro. O mau tempo dificultou o trabalho e a materialização de algumas ideias (como a de explorar bem os cenários da cidade) não foi possível. No primeiro dia, fomos à procura de uma fonte que eu tinha conhecido na primeira viagem em agosto, mas não a encontrei. Em Coroa Vermelha, local ao lado de Porto Seguro

de forte presença indígena, conhecemos o índio Capim Bará e gravamos com ele em sua loja no Comércio Indígena.

Em seguida, no Museu Indígena, conhecemos outro índio, Cauê dos Santos, mas, por ser menor, optei por não utilizar a entrevista dele. Outras crianças indígenas nos levaram ao local onde elas moravam, contaram bastante história. A mãe de uma delas já tinha autorizado o uso da imagem, mas havia acontecido um tiroteio há poucos instantes e a recomendação era que saíssemos do local. Retornamos a Porto Seguro e o forte temporal impediu as gravações na parte da tarde. À noite, na Passarela do Álcool³⁵, Maria dos Santos “Delícia” chamava bastante atenção de todos que ali passavam, e não foi diferente comigo. Perguntei seu nome e quando ela disse o sobrenome, foi brilhante. Apesar da correria, devido ao horário de trabalho, gravamos o depoimento. No outro dia, pela manhã, capturamos algumas imagens na orla e na tarifa de pescadores (local onde eles vendem peixes).

A próxima cidade seria Salvador, mas, por questões de tempo, gastos e principalmente de falta de segurança, já que se trata de uma metrópole onde poderíamos correr alguns riscos, optei por continuar o trabalho em Ilhéus. À tarde, seguimos para esta cidade e a forte chuva nos impediu de filmar. No dia seguinte foi gravado o depoimento de Marcos dos Santos, lavador de carro e o de Jocinaldo dos Santos, pescador. Também foram feitas algumas imagens dos pontos turísticos da cidade como o bar Vesúvio, o Bataclan, entre outros. Com as gravações de Ilhéus, finalizamos a fase de produção.

É fundamental destacar que eu não conhecia nenhum dos personagens entrevistados. Quando vi o senhor Reginaldo passando na rua com sua esposa, comecei conversar com ele sobre outros assuntos e à medida que ele ia ficando à vontade, falei do que se tratava meu trabalho. Reginaldo me convidou para ir a sua casa, mas, como era distante e ele precisava trabalhar, gravamos no local que nos encontramos. Em busca de outra fonte, fui a uma das casas de farinha de Vitória da Conquista, e para minha surpresa, tinha muitas mulheres de sobrenome *Santos*. Era fim de expediente (por volta de 17 horas), quase nenhuma delas queria falar, mas, Jesoína se manifestou querendo me ajudar. Conversamos bastante antes da entrevista e em seguida filmamos.

Em Coroa Vermelha, no Comércio Indígena, comecei a busca por um personagem “garimpendo”. Passei em cada loja, dialogava com os nativos, apreciava os artesanatos que eles produziam e, dessa maneira, conheci Capim Bará. Conversamos sobre outros assuntos,

³⁵ Também conhecida por Passarela do Descobrimento, localizada no centro de Porto Seguro, é um dos pontos mais visitados por turistas, nela se encontram vários bares, lojas de artesanatos, barracas de bebidas, entre outros.

perguntei o nome dele, ele falou o “indígena” e o de “branco” e iniciou a explicação de como este foi escolhido. Antes que ele terminasse, contei-lhe sobre a pesquisa que comprova a predominância do sobrenome *Santos* na Bahia, despertando seu interesse em me ajudar, e ficamos cerca de 40 minutos gravando sobre diversos temas. À noite, na Passarela do Álcool, Maria Raimunda (Delícia) me abordou e me pegou no colo para tomar um dos *drinks* que ela vendia. Como ela é uma figura que chama bastante atenção, torci para que ela tivesse o patronímico *Santos* e de fato, tinha. Brincamos e batemos papo e gravamos ali mesmo.

Em Ilhéus, enquanto capturávamos algumas imagens da cidade, vi Marco lavando um carro, perguntei-lhe algumas informações sobre os pontos turísticos do município e assim, foi estabelecida uma proximidade entre nós, o que lhe deixou mais aberto para a entrevista. Em seguida, fui a um local em Ilhéus que costuma ter muitos pescadores e conheci Jocinaldo. O nosso contato não fluiu tão naturalmente quanto os outros, pois, além dele ser muito tímido, estava em horário de trabalho e os amigos interferiram em muitos momentos da gravação do depoimento.

Foram utilizadas duas câmeras³⁶. Uma *Handycam Sony HDR-xr160* em primeiro plano focada no entrevistado e a outra (*Handycam HDR -PJ230*) capturando outros ângulos e o ambiente. O microfone utilizado foi o de lapela e em algumas entrevistas o uso do *led* foi necessário para clarear o local e, em todas elas, utilizou-se o tripé.

Todas as entrevistas foram conduzidas a partir da perspectiva “entrevista em profundidade” que se trata de uma “técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido” (DUARTE, 2009, p. 64). Isso quer dizer que, não procurei estatísticas, mas representações subjetivas do povo baiano por meio de entrevistas abertas que fluíram livremente.

Os diálogos foram realizados a partir de algumas perguntas “norteadoras” dirigidas a todas as fontes, que foram basicamente estas: a) Quem é o senhor (a)? b) Acredita em algum santo, qual? c) Se pudesse escolher um santo, qual seria? E que poder queria ter? d) Como o senhor (a) se vê daqui a dez anos? e) Se pudesse deixar um conselho, qual deixaria? Apesar de terem sido aplicados esses questionamentos a todas as pessoas, as entrevistas foram muito distintas uma das outras, devido à variedade de perfis. Conforme o “personagem” aparentava ser, outras perguntas foram feitas considerando suas particularidades.

³⁶ Nas primeiras gravações utilizamos uma Nikon D7100, mas, posteriormente, para maior praticidade optamos por usar a *handycam* profissional.

É importante destacar que, apesar de ter contratado um cinegrafista, eu acompanhei todo o processo de filmagens e edição, conduzi as entrevistas e ajudei nas gravações. No momento de gravação, eu discutia com o cinegrafista qual seria o melhor ângulo dependendo do local que o entrevistado se encontrava (quase todos estavam na rua), posicionamento que eu deveria estar, pois os entrevistados costumavam olhar para mim e não para a câmera, e o quê ele deveria capturar durante o bate papo.

Nesta fase, desenvolvi também, capítulos do memorial e tracei um pré-roteiro com a ordem que as entrevistas entrariam e comecei a selecionar músicas e textos (narrados) a serem utilizados no documentário.

3.2.1 Santos da Bahia: apresentação dos personagens

Como visto acima, foram entrevistados seis personagens para o documentário *Bahia de Todos os Santos*. Nesta seção, apresento e descrevo um pouco sobre cada um deles. É importante salientar que as fontes foram escolhidas de maneira intencional com o pré-requisito de serem baianas e terem o sobrenome *Santos*.

a) Reginaldo Carvalho dos Santos

Um senhor que era viciado em álcool, mas, segundo ele, após muitas orações para Cosme e Damião deixou o vício e se dedicou ao trabalho. Hoje, sua profissão é recolher nos lixos materiais para reciclagem. Morador de um bairro periférico de Vitória da Conquista - BA, Reginaldo é pai de cinco filhos e se pudesse ser um santo seria Damião porque se acha parecido fisicamente com ele. Para ele, sua maior característica é ser trabalhador.



b) Jesoína de Jesus Santos

Uma senhora de 42 anos que trabalha em uma casa de farinha em Vitória da Conquista – BA, descascando mandioca (desde os oito anos de idade). Alegria é seu nome e Santos, o sobrenome. Segundo ela, gostaria de ser Nossa Senhora Aparecida, por seu tom de pele, e se tivesse um poder acabaria com as drogas e a violência. Gosta muito de rir, cantar, e de sua cor, é mãe solteira de três filhos e seu maior sonho é ter uma casa própria.



c) Amilton Alves dos Santos

Índio mestiço da tribo pataxó, mora em Coroa Vermelha, próximo a Porto Seguro – BA. Capim Bará é seu nome indígena e segundo ele, como precisava de documentos, seus padrinhos lhes deram um nome de “branco” e escolheram aleatoriamente o sobrenome Santos, porque era muito comum na Bahia. Pai de dez filhos, Capim Bará acredita em cinco deuses: o sol, a terra, o ar, a água e a lua e se pudesse ser um, escolheria ser a natureza e faria nascer mais vegetação, para brotar mais árvores e nascentes.



d) Maria Raimunda dos Santos

Mais conhecida por “Delícia” tem uma barraquinha de coquetel de frutas na Passarela do Álcool em Porto Seguro-BA. Todos os dias à noite se produz (figurino, maquiagem, cabelo etc) para trabalhar e costuma abordar os clientes chamando-os de delícia. Acredita em Deus e acha todos os santos bons. Seu maior sonho é criar os filhos honestamente e ela aconselha as pessoas a fazerem sempre o bem. Maria Raimunda é mãe de cinco filhos, não sabe ler e adora fazer as pessoas felizes.



e) Marcos Vieira Santos

Hoje lavador de carro, mas já foi morador de rua. Durante um tempo, contou com a ajuda de um proprietário de um hotel localizado em frente à Catedral de Ilhéus-BA, onde, atualmente, lava os automóveis. É devoto de Nossa Senhora Aparecida que o abençoou durante o tempo em que morava na rua e o livrou das drogas. Se pudesse ser um santo escolheria Santo Expedito e se tivesse um poder tiraria os animais das ruas e os levaria para uma fazenda. Marcos aconselha as pessoas a ajudarem uns aos outros, a serem mais humanos.



f) Jocinaldo dos Santos

Jocinaldo trabalha há 17 anos como pescador em Ilhéus – BA. É pai de três filhos, não é devoto de nenhum santo, mas se pudesse escolher seria Yemanjá porque ela protege as pessoas que estão no mar. Segundo ele, se tivesse algum poder, faria sumir as drogas e seu sonho é ter sua navegação própria. Jocinaldo diz que algumas pessoas o acham ruim porque ele é sincero, mas ele tem um bom coração.



3.3. Pós-produção

Iniciei esta fase ao assistir a todo o material produzido e ao fazer uma pré-seleção de imagens e trechos a serem utilizados. Decidi, então, que a ordem de apresentação no roteiro se daria por cidade, começando por Ilhéus e terminando em Porto Seguro. Além disso, conforme o pré-roteiro, em alguns momentos, o documentário teria a presença de uma narração que foi realizada por Jânio Arapiranga, cantor e locutor de um programa em uma rádio de Vitória da Conquista.

A decupagem das entrevistas foi realizada e, com base nisso, decidi não usar o depoimento do pescador Jocinaldo dos Santos, pelo fato de ele ser alagoano criado na Bahia e não ter se soltado diante às câmeras. Logo, trabalhei com depoimentos de cinco personagens. Em seguida, escrevi o roteiro (disponível nos anexos) com base em uma narrativa que unisse depoimento, cenário e musicalidade de maneira a deixar o documentário atrativo e interessante e comecei a editar.

Sobre a trilha musical, priorizei músicas de cantores baianos e/ou que falassem sobre a Bahia e o seu povo. Para cada um dos personagens (e também cidades), selecionei canções que remetessem a suas características mais marcantes. Tratou-se de um processo cuidadoso já que meu objetivo se consistia em colocar músicas que tivessem a ver com os entrevistados e que os agradassem. Abaixo, segue a seleção:

- a) *Marinheiro só* – Utilizei a parte instrumental de uma versão feita por um grupo de capoeira para a narração de abertura. Apesar de Clementina de Jesus, nascida em Valença-RJ, ser a compositora, a música foi gravada por muitos cantores baianos e fala sobre a Bahia.
- b) Uma parte instrumental de *Modinha para Gabriela* – composição de Dorival Caymmi e interpretada por Gal Costa foi escolhida para a seção de Ilhéus devido à relação já existente com a cidade e por se tratar de uma personagem de Jorge Amado (escritor baiano).
- c) *Andar com fé* de Gilberto Gil para um trecho da entrevista de Marco. Essa música foi escolhida porque o entrevistado fala muito sobre a fé e a importância de acreditar para que as coisas possam acontecer.

- d) Um trecho instrumental de *Canto do Guerreiro Mongoió* do compositor conquistense Elomar Figueira de Melo foi escolhida para a parte que fala sobre Vitória da Conquista porque a canção homenageia a cidade.
- e) *Louvação* (Gilberto Gil) para Reginaldo, pois, durante a entrevista, ele se mostra muito esperançoso para o futuro e diz que acreditando ele procura alcançar o que deseja.
- f) *Preta* de Daniela Mercury para Jesóina. Essa canção foi escolhida porque a entrevistada diz amar sua cor.
- g) *Eu gosto de ser baiano* (Moraes Moreira) – foi selecionada para a narração de Porto Seguro por falar de onde surgiu o Brasil, e também, para finalizar o documentário devido ao refrão que diz “*eu gosto de ser baiano*” para dar continuidade ao verso narrado de Jorge Amado.
- h) *Todo boa* (Psirico) para Maria Raimunda (Delícia) por falar de autoestima e essa personagem se mostrar bem resolvida e feliz consigo mesma.
- i) *Um índio* (Caetano Veloso) – Para uma parte da entrevista do índio Capim Bará. Escolhi essa canção para as imagens de Coroa Vermelha e do Museu Indígena.

Toda a edição foi realizada em meu computador pessoal no programa *Pinnacle*. Coube a mim a parte de cortes, montagem do “esqueleto”, inserção de artes e geradores de créditos (GC). Aloísio ficou responsável por corrigir alguns problemas no áudio e imagens. Sobre os GCs, escolhi colocar o nome das fontes em uma carteira de identidade para fazer alusão ao registro de nascimento de cada um deles. A arte da vinheta (também utilizada na capa dos DVDs) foi produzida por Andrezza Vieira, minha colega de curso. Com o produto finalizado em aproximadamente 19 minutos, foram confeccionados os DVD’s (capa, sinopse, entre outros). É importante destacar que durante as três fases supracitadas foi elaborado este memorial do projeto experimental.

3.4. Material, orçamento e cronograma

a) Material

Quantidade	Descrição
1	Microfone de lapela
1	Led
1	Tripé
1	Handycam Sony
1	Handycam Sony hdr-xr160
1	Nikon D7100
1	Lente Sigma 2.8

b) Orçamento

Descrição	Quantidade	Valor unitário
Passagem Porto Seguro-Conquista	3	R\$33,00
Hospedagem Porto Seguro	7	R\$40,00
Hospedagem em Ilhéus	3	R\$40,00
Outras despesas com viagens	1	R\$400,00
Microfone de Lapela	1	R\$80,00
Handycam Sony	1	R\$950,00
Serviço de cinegrafia e edição	<u>1</u>	R\$1.500,00
Capas, impressões, DVD's	1	R\$30,00
	Total	R\$ 3.459,00

c) Cronograma

	Primeiro semestre de 2014	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pesquisa bibliografia e projeto de pesquisa	X						
Pré-produção		X	X	X			
Produção					X	X	
Roteiro						X	
Finalização e memorial						X	
Revisão						X	
Defesa da banca							X

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por quase dez meses estive envolvida neste projeto experimental. Antes, tinha apenas a vontade de fazer um documentário que abordasse algum tema ligado à Bahia, o meu estado de origem. Mas, não queria fazer algo que já estivesse frequentemente na mídia, como o carnaval, a culinária, a capoeira, entre outros. Na dúvida, comecei a pesquisar trabalhos relacionados ao estado e encontrei a Dissertação da pesquisadora Taisa Machado (2008) que estudava a ancestralidade em Salvador. Foi assim que fiquei sabendo que na Bahia há predominância do sobrenome *Santos*.

A partir disso tive um “feeling” ao acaso de relacionar esse dado com o famoso clichê “Bahia de Todos os Santos”, sem ter que abordar, necessariamente, a religiosidade ou a baía situada no estado. Decidi então, apresentar personagens anônimos que tivessem o patronímico *Santos*. Sabia de alguns desafios que iria encontrar pela frente, como a disponibilidade de equipamentos, - já que os do curso não podem sair de Viçosa-, as viagens, o alto custo da produção, o fato de desenvolver o trabalho sozinha, o curto espaço de tempo e também de encontrar personagens que tivessem o sobrenome *Santos*, fossem baianos e com boas histórias para contar.

Desde a primeira experiência de filmagens (em julho e agosto), notei que não era viável fazer o documentário desacompanhada, pois, cabia a mim encontrar as fontes, entrevistá-las, cuidar da câmera e do áudio, decupar, elaborar o roteiro, editar e simultaneamente escrever o memorial. Após procurar apoio em secretarias e outras entidades do município que moro (Vitória da Conquista) e ter recebido várias promessas que não foram cumpridas, decidi resolver por mim mesma e contratei um cinegrafista que me auxiliou no desenvolvimento do documentário.

Um ponto que destaco como importante, é a escolha dos materiais a serem utilizados. Felizmente, não tive problema com eles, principalmente, com o microfone de lapela que funcionou bem durante todas as entrevistas sem prejudicar o áudio. Além disso, a contribuição de pessoas ao meu redor que foram fundamentais para execução do trabalho, pois, me ajudaram a ir à busca das fontes e me deram mecanismos para desenvolvê-lo.

Mas, o que realço de mais fundamental e que mexeu muito comigo é como as pessoas gostam de ser ouvidas. Em muitos momentos tive que adequar a linguagem aos personagens entrevistados para eles se sentirem mais próximos a mim e assim, à vontade para falar sobre si

mesmos. Atuei como jornalista, produtora, cinegrafista e editora, contudo, aprendi muito com aqueles que conheci durante o percurso.

Encontrei pessoas que passam dificuldades na vida, mas têm um sorriso no rosto e não desanimam. Desempenham seus papéis sociais com muito empenho e são felizes, esperançosas, abertas e muito solícitas. Todas me receberam muito bem e se dispuseram a me ajudar, em diversas ocasiões ouvi algumas delas dizendo “vamos ajudar a menina a fazer o trabalho dela”. Também me convidaram para conhecer suas casas, me deram algum presente com o intuito de me abençoar e pediram que eu voltasse mais vezes.

A execução deste projeto e o contato com os cidadãos comuns que encontrei comprovam que a invisibilidade social de fato é uma questão pertinente e, poder dar a oportunidade a essas pessoas de serem escutadas é importante. Por exemplo, o índio Capim Bará em alguns momentos da entrevista diz “eu gostaria que o mundo visse o meu recado”, “agradeço por poder falar do meu povo”.

Em tempos em que somos bombardeados por notícias ruins nos diversos meios de comunicação, conhecer e ouvir pessoas “do bem” faz renascer a fé nas pessoas e nos faz acreditar em um mundo melhor. O Brasil é cheio de pessoas com histórias belíssimas, com suas batalhas diárias, mas com muito brilho. Os cinco personagens que apresento aqui são apenas uma pequena amostra desse grande universo. Os anônimos têm muito a ensinar que a gente nem imagina. Este trabalho foi uma oportunidade, sobretudo, de sair da “cápsula” e conhecer mais além do que o ser humano pode nos oferecer.

Minha expectativa com este documentário é futuramente ampliá-lo, indo a outros locais e conhecer mais baianos anônimos e espero principalmente que os personagens abordados gostem do resultado do trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Marcos. **Representação Social: uma genealogia do conceito**. Disponível em < <http://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/Artigo7.pdf> >. Acesso em 29/09/2014.

AMADO, Jorge. **Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios**. 40ªed. Rio de Janeiro: Record, 1996. 408p.

BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 318p.

BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009. 384p.

BARROS, José. **Sobre a feitura da Micro-História**. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/146362054/Sobre-a-Feitura-da-Micro-Historia-Jose-D-assuncao-Barros>>. Aceso em 30/10/2014.

_____. **A Escola dos Annales: considerações sobre a História do Movimento**. Disponível em <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/viewArticle/953>>. Acesso em 30/10/2014.

BEZERRA, Cláudio. **Um documentarista à procura de personagens**. In: OHATA, Milton. Coutinho. São Paulo: Cosac Naify, 2013. 400-413p.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006. 208p.

BURKE, Peter. **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1992. 354p.

COSTA, Fernando da. **Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garis**. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas. Disponível em < www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/.../costafernando_do.pdf >. Acesso em 15/10/2014.

COUTINHO, Eduardo. **Edifício Master**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=BgmfO4CasYw>>. Acesso em 10/10/2014.

_____. **O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade**. In: OHATA, Milton (Org.). Eduardo Coutinho. São Paulo: Cosac Naify, 2013. 20 – 28p.

_____. **Há um céu especial para os cinéfilos**. In: OHATA, Milton (Org.). Eduardo Coutinho. São Paulo: Cosac Naify, 2013. 169 – 180p.

DUARTE, José C. **O multiculturalismo baiano**. Disponível em < <http://www.cult.ufba.br/enecul2005/JoseCarlosSilveiraDuarte.pdf> >. Acesso em 01/10/2014.

EDUARDO, Cléber; VALENTE, Eduardo; GARDNIER, Ruy. **Sobre Edifício Master**. OHATA, Milton (Org.). **Eduardo Coutinho**. São Paulo: Cosac Naify, 2013. 283- 298p.

FONSECA, Dagoberto José. **Você conhece aquela?** A piada, o riso e o racismo à brasileira. Disponível em <<http://books.google.com.br/books?id=frXzb08ZVNAC&pg=PA70&lpg=PA70&dq=baiano+n%C3%A3o+nasce+estrela+origem&source=bl&ots=DyLgFqo57Z&sig=SL7BZxsSKJssbyMYGKNb58JX8c&hl=ptT&sa=X&ei=K3sXVNN5IMqzggTF9oCoCQ&ved=0CEcQ6AEwBQ#v=onepage&q=baiano&f=false>>. Acesso em 07/09/2014.

GAUTHIER, Guy. **O documentário: Um outro cinema**. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. Campinas: Papirus, 2011. 432p.

GONÇALVES, Gustavo. **Panorama do documentário no Brasil**. Disponível em <<http://www.doc.ubi.pt/01/doc01.pdf#page=85>>. Acesso em 04/11/2014.

LEITE, Francisco. **Micro-História como ferramenta de pesquisa para acesso à antiguidade cristã**. Disponível em <http://www.revistatheos.com.br/Artigos/Artigo_07_01_03.pdf>. Acesso em 02/11/2014.

LEVI, Giovanni. **Sobre a Micro-História**. In: BURKE, Peter. A escrita da história, novas perspectivas. . São Paulo: Editora Unesp, 1992. 133- 161.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmar o Real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo**. Disponível em <http://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=lang_pt&id=dXILTZArZh4C&oi=fnd&pg=PA7&dq=document%C3%A1rio&ots=xfykgvMxnI&sig=5xfiMuv4RQ0Qru9fgLXDyXUFJA0#v=onepage&q&f=false> . Acesso em 20/10/2014.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários**. Conceito, linguagem e práticas de produção. São Paulo: Summus Editorial, 2012. 128p.

MACEDO, Valéria. **Para sexta-feira**. In: OHATA, Milton (Org.). **Eduardo Coutinho**. São Paulo: Cosac Naify, 2013. 223 – 231p.

MACHADO, Taisa. **Ancestralidade em Salvador – BA**. Disponível em <<http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/4306/1/Taisa%20Manuela%20Bonfim%20Machado.%20Ancestralidade%20em%20Salvador%20-%20BA.pdf>> Acesso em 01/11/2014.

MARIANO, Agnes. **A invenção da baianidade**. São Paulo: Annablume, 2009. 310p.

MARKOVÁ, Ana. **Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente**. Petrópolis: Vozes, 2006. 309p.

MESQUITA, Cláudia. **Fé na lucidez**. In: OHATA, Milton (Org.). **Eduardo Coutinho**. São Paulo: Cosac Naify, 2013. 237- 250p.

MIRANDA, Evaristo. **Guia de curiosidades católicas.** Causos, costumes, festanças e símbolos escondidos no seu calendário. Disponível em <<http://books.google.com.br/books?id=8dMbBAAAQBAJ&pg=PA8&dq=guia+de+curiosidad+es+cat%C3%B3licas&hl=pt>>. Acesso em 30/09/2014.

MORIGI, Valdir J. **Teoria social e comunicação: Representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos.** Disponível em <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/9/10>>. Acesso em 29/09/2014.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Tradução Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papyrus, 2005. 270p.

OHATA, Milton (Org.). **Eduardo Coutinho.** São Paulo: Cosac Naify, 2013. 704p.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional.** 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2003. 152p.

RAMOS, Fernão. **Mas, afinal... O que é mesmo documentário?** Disponível em <http://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=lang_pt&id=Kpa7dOEHGFYC&oi=fnd&pg=PT7&dq=document%C3%A1rio&ots=vjR_uCfS8y&sig=orXscGqdWF9zOqhSpMts2vYEedk#v=onepage&q=document%C3%A1rio&f=false>. Acesso em 20/10/2014.

RONCARI, Luiz. **Literatura brasileira.** Dos primeiros cronistas aos últimos românticos. Disponível em <http://books.google.com.br/books?id=-j-POmioQzYC&printsec=frontcover&dq=literatura+brasileira+dos+primeiros+cronistas&hl=pt-PT&sa=X&ei=vGUwVPm1G9e_ggSOioHgDQ&ved=0CBwQ6AEwAA#v=onepage&q=literatura%20brasileira%20dos%20primeiros%20cronistas&f=false>. Acesso em 26/09/2014.

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade.** Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/2091/1830>>. Acesso em 05/10/14.

TAVARES, Luiz Henrique. **História da Bahia.** Editora UNESP: Salvador, 2001. 544p.

TEIXEIRA, Francisco. **Documentário no Brasil: tradição e transformação.** São Paulo: Summus, 2004. 382p.

TRINDADE, Teresa. **Documentário chegou à sala de cinema. E agora?** O lugar do documentário no mercado cinematográfico brasileiro na perspectiva de seus agentes: da produção à exibição (2000-2009). Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000866475&fd=y>>. Acesso em 01/11/2014.

_____. **O documentário e o seu público.** Disponível em <<http://www.bahiadoc.com.br/media/pdf/documentario%20e%20seu%20publicoPB.pdf>>. Acesso em 01/11/2014.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 385p.

VAINFAS, Ronaldo. SOUZA; Juliana Beatriz de. **Brasil de Todos os Santos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. 80p.

VALENTE, Waldermar. **Sincretismo religioso afro-brasileiro**. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. 117p.

ZRNÍKOVÁ, Jana. **A baianidade nas letras de Caetano Veloso e Gilberto Gil**. Disponível em
<[http://is.muni.cz/th/13999/ff_m/Baianidade_nas_letras_de_Caetano_Veloso_e_Gil.pdf](http://is.muni.cz/th/13999/ff_m/Baianidade_nas_letras_de_Caetano_Veloso_e_Gilberto_Gil.pdf)>. Acesso em 27/09/2014.

ANEXOS

ROTEIRO

Título: *Bahia de Todos os Santos*

Duração: 18min 40s

Direção e produção: Jéssica Santana Lopes

ABERTURA:

O documentário se inicia falando sobre a Bahia. Todas as narrações foram feitas por Jânio Arapiranga, cantor e locutor de uma rádio em Vitória da Conquista.

Texto em off:

Você acha que a Bahia é só da capoeira, do acarajé, das praias, dos poetas e músicos? Vixe, Enganou-se! Gilberto Freyre dizia que a “Bahia é de todos os Santos e de quase todos os pecados” e não é que de tão abençoada, nesta terra predomina-se pessoas de sobrenome Santos? Venha cá conhecer como eles são *retados*!

Música: *Marinheiro só* – Grupo Capoeira de Angola

Vinheta

1º BLOCO:

A narração sobre Ilhéus e o personagem entrevistado nesta cidade, fazem parte deste bloco.

Texto em off: Terra de Gabriela Cravo e Canela de Jorge Amado e também dos grandes coronéis de cacau. Ilhéus é a Princesinha do sul da Bahia. As casas coloniais, as praias o bar Vesúvio, o Bataclan e a Catedral de São Sebastião são os pontos turísticos mais visitados. Salve Oxóssi! São Jorge protege essa terra que recebeu seu nome.

Música: *Modinha para Gabriela* – Gal Costa.

Depoimento de Marco Vieira Santos

Meu nome é Marcos Vieira dos Santos, sou lavador de carro aqui na Catedral há mais de 20 anos já, eu lavo carro aqui na praça.

GC: Marco dos Santos (sobre uma carteira de identidade)

Ah eu não trabalhava não que eu era de rua, eu morava na rua. Depois eu consegui uma família e agora eu tenho minha casa e minha família. Têm muitos anos isso, é muito ruim não é muito bom não... Hoje as pessoas dormem na rua porque querem, antigamente eu dormia porque não tinha jeito. Eu não tinha moradia aqui em Ilhéus, não tinha parente.

Ah porque eu cheguei aqui pra rua, aí tinha um amigo meu que morava aqui no hotel, aí o filho do dono do hotel tinha um carro, ele era novo aí eu comecei ficar lavando carro para ele e tal, aí depois fui ficando até hoje, consegui minha clientela que eu tenho lavando carro e hoje eu tenho minhas coisas graças a Deus. Tenho casa, tenho família, tenho uma filha e todo mundo tá de boa. Hoje Marco é uma pessoa muito feliz, todo mundo gosta, eu queria mais na minha vida era minha mãe e minha família perto de mim e eu tenho.

Nossa Senhora Aparecida que eu acredito. Porque eu pedi muita benção a ela e eu alcancei. Porque quando eu fiquei na rua existia muita droga e eu sempre pedi a Deus para me livrar da droga e Ele sempre me livrou. Atende sim, depende de você ter fé, tudo que for fazer no mundo tem que fazer com fé, porque as coisas só vão com fé.

Ah um Santo? Santo Expedito porque ele é o protetor dos animais. Eu tirava eles da rua e se eu tivesse condições eu comprava uma fazenda e colocava eles lá.

Efeito

Entra momentos da entrevista com a música *Andar com Fé* (Gilberto Gil) de fundo.

Rapaz vou contar uma situação difícil para mim... Uma vez eu fui namorar na praia ali, os ladrões me roubou me deixaram nu sem nada aí para mim ficou até hoje marcado. Ah como eu fiz? Passou um amigo meu que é uma pessoa muito conhecida, foi lá ligeiro, pegou uma roupa e me deu e eu vim para o hotel.

Ah meu maior sonho é quando eu acabar de levar carro, botar minha mercearia. Que eu comprei um terreno na Praia do Sul, na beira da praia, quero botar a mercearia para eu terminar de viver a minha vida.

São Jorge dos Ilhéus. Muito milagre para Ilhéus. Porque Ilhéus não falta água, Ilhéus chove e faz sol ao mesmo tempo. É uma terra abençoada, todo mundo vem para Ilhéus e gosta, não tem uma pessoa que vem e não gosta.

Eu diria para as pessoas serem mais humanas com os outros, fossem mais amigos não desajassem o mal e ajudar um ao outro porque tá precisando muito disso. O povo só pensa em si, a maioria.

Efeito de transição

2º BLOCO

Bloco referente à cidade de Vitória da Conquista. Reginaldo e Jesoína foram os entrevistados.

Texto em off: Vitória da Conquista, no sudoeste baiano, é a terra do café e do frio. Neste solo, nasceu Glauber Rocha e o compositor Elomar Figueira de Melo. A joia do sertão tem as bênçãos de Nossa Senhora das Vitórias e o perfume das rosas.

Música: *Canto do guerreiro mongoió* – Elomar Figueira de Melo

Depoimento de Reginaldo Carvalho dos Santos

Meu nome é Reginaldo Carvalho dos Santos, eu trabalhava em uma firma que deu probleminha, aí para não ficar parado, aí começo a trabalhar com reciclagem. Porque um pai de família ficar parado em casa não dá certo. Aí eu continuo trabalhando com reciclagem.

GC: Reginaldo dos Santos (sobre uma carteira de identidade)

Foi assim que tinha um rapaz um cunhado meu que sempre ele pegava reciclagem, aí ele falou: Regi você tem coragem de trabalhar com reciclagem? Eu falei tenho, aí ele falou assim, então vamos mandar fazer um carrinho pra você. Aí eu falei que quem ia fazer um carrinho para mim é eu. Aí eu fiz o carrinho e comecei a trabalhar com reciclagem e gostei de trabalhar com reciclagem.

O que? Não o carrinho eu não vendo não! Ah que se eu vender ele pra eu comprar outro é difícil. De todas as profissões, prefiro meu carrinho. Para pessoa trabalhar parecendo que tá mandado assim pelos outros prefiro meu carrinho. Meu carrinho eu vou ali ao centro tem hora que eu arrumo um cobre de repente eu faço um trocado. Hoje em dia a pessoa trabalhar para outra ganha muito... Quer ser o dono do mundo.

Efeito

Imagens de Reginaldo empurrando o carrinho. Música de fundo: Louvação (Gilberto Gil)

Bom eu acredito em todos né? Mas tem um santo que quando eu era pequeno meu pai veio da Lapa, eu pedi para ele trazer para mim aí eu acredito é Cosme e Damião. Tudo que eu peço para ele em fé, ele me ajuda. Eu pedi a ele com fé e me ajudou. Que no tempo que eu era solteiro eu bebia muito aí eu falei com ele, com Cosme, com a fé que eu tinha a eles que eu ia para de beber. E parei mesmo! Até hoje, graças a Deus, nada de álcool eu não toco mais na boca.

Era Damião, eu acho que minha feiçãozinha, uma aparenciazinha.

É eu bebia... Eu trabalhava com os meninos aí eu pegava o dinheiro todinho e só ia para porta de venda. Quando eu era solteiro aí eu pegava o dinheiro e gastava todo com bebida.

Tem na faixa de 10 anos que nós morávamos lá no sul e lá tinha muito daqueles pernilongos, ai a gente começava a beber e fumar e agora pronto. Ai comecei a beber até certo tempo, depois que eu aumentei família e agora eu parei de beber. Foi assim que eu ajeitei a primeira menina ai eu falei com ela que a partir daquele dia eu não bebia mais.

Eu pensei que aquele negócio de bebida não dava certo. Que a pessoa ser um pai de família, dono de venda ta lá de braço cruzado. A pessoa morre de tanto trabalhar e pegar o dinheiro dele suado e dar pra dono de venda ai eu falei “não a partir de hoje eu não bebo mais não”.

Bom eu falei assim que eles não podiam estragar a vida deles com álcool. Nem com álcool e nem com negócio de cigarro, prejudica muito a saúde. Porque eu tenho que pensar no futuro que a pessoa não bebendo e não fumando, tem mais futuro para frente.

Meu sonho mesmo é ver meus filhos tudo realizando meu sonho que eu não realizei tudo estudando e tudo trabalhador, trabalhando igualmente a mim.

Imagem dele indo embora com a esposa e o filho. Trilha sonora: Louvação

Efeito de Transição

Depoimento de Jesoína de Jesus Santos

Jesoína de Jesus Santos é que eu trabalho aqui na casa de farinha raspando mandioca eu comecei a trabalhar eu tinha 08 anos de idade hoje eu tenho 42 anos.

GC: Jesoína Santos (sobre uma carteira de identidade)

Sempre com farinha. Comecei a raspar desde novinha, criei 03 filhos raspando mandioca. Eu mudaria... ué assim uma coisa melhor né? Porque a gente que trabalha aqui na casa de farinha ganha 25 reais por dia, para ganhar pelo menos um salário assim por mês era melhor.

Tenho a vida corrida. Eu trabalho aqui na casa de farinha, eu trabalho dentro de casa, que eu moro sozinha com meus filhos, eu pego lenha no mato para cuidar da comida, faço comida.

Graças a Deus eu gosto de tudo na minha vida. Eu não tenho preconceito com a minha cor, eu adoro a minha cor. Eu gosto de todas as cores, mas eu adoro mais a minha cor, porque eu acho bonito! Porque tem gente que tem preconceito com gente morena, já eu não tenho preconceito nem com gente branca e eu não quero que ninguém tenha preconceito comigo. Ah eu adoro a minha vida. Eu gosto de trabalhar, às vezes quando chega o domingo eu gosto de tomar uma cerveja.

Efeito

Trecho com momentos de Jesoína com a música Preta (Daniela Mercury) de fundo.

A gente já trabalha a semana toda, o dia corrido... Cansa muito, mas graças a Deus eu sou feliz, sou muito engraçada eu gosto de fazer graça, eu gosto de sorrir (risos).

Tenho a Nossa Senhora Aparecida. Eu frequento a igreja nossa aqui que a de São José. Ajuda graças a Deus tudo que eu preciso alguma coisa assim, alguma doença essas coisas, eu penso nossa senhora ela ajuda.

(risos) Pela minha cor Nossa Senhora Aparecida (risos). A primeira coisa que achava que o santo podia ajudar é sobre a droga, violência, né? Que a violência tá acabando com muitas crianças, jovem.

Meu maior sonho é ter uma casa minha mesmo para eu arrumar meus filhos, botar meus filhos dentro. Porque eu tenho terreno mais só que eu não tenho condições de construir a casa.

Eu ensinaria para as mães de família, porque graças a Deus eu sou uma mãe de família exemplar. Eu criei meus filhos, minha filha tem 24 anos, a mais velha. Eu tenho um filho de 14 anos e outra de 13 anos. Acho que até hoje, graças a Deus o que eu puder fazer por eles eu faço, portanto eu queria pedir assim para as mães que têm seus filhos, toma conta certinho deles.

Jesoína cantando Nossa Senhora, de Roberto Carlos, e algumas imagens dela raspando mandioca.

3ºBLOCO

Texto em off: Aqui nasceu o Brasil. A terra mata, transformou a Ilha de Vera Cruz no Porto Seguro para os europeus nas terras em que os índios já habitavam. Nossa senhora da Pena, padroeira da cidade, abençoa os tipos mestiços que vivem por aqui e também os turistas de todo o mundo que vêm conhecer as belas praias, a Passarela do Álcool e mais de quinhentos anos de mistérios a serem descobertos.

Música: Eu gosto de ser baiano - Moraes Moreira.

Depoimento de Maria Raimunda Dos Santos

Chegou! Chegou! Chegou! Chegou o natal ai delicia (2x). Tá nervoso? Vai para Trancoso! Tá legal? Fica no arraial! E quer ficar duro? Vem para Porto Seguro, chega cheio do dinheiro e volta todo mundo duro! Ai delicia! (trecho dela brincando com turistas na Passarela do Álcool)

Meu nome é Maria Raimunda dos Santos, eu trabalho em barraca de coquetel de frutas na Passarela do Álcool.

GC: M. Raimunda dos Santos (sobre uma carteira de identidade)

Eu já trabalhei em casa de família, de babá, de cozinheira, lavando roupa em lavanderia. Porque assim Delícia, como eu tenho 05 filhos, não sei ler, não sei nada... Então um dia eu fiquei desempregada e eu fui passando na Passarela, a mulher me chamou para trabalhar na

barraca de coquetel. Eu falei para ela que eu não sabia fazer nada, ai ela falou “não se você tiver a fim de aprender eu te ensino”.

Olha, eu tenho 04 anos, 08 anos que eu tô aqui na Passarela. Mas, tenho 04 anos que eu me descobri, porque eu gosto de trabalhar com o povo.

Efeito

Imagens da barraca dela na Passarela do Álcool. Trilha musical: Toda boa – Psirico.

Porque Delícia eu me inspirei nas pessoas que chama Delícia né? Olhava... ai olhei um dia e falei assim vou chamar de delícia chamei “ai delícia” e graças a Deus deu certo. Eu acho que é de dentro mesmo, é de coração porque eu gosto de fazer o que eu faço.

Ah eu me maquio, boto um saco de lixo na cabeça é Rapunzel e vou trabalhar. Todo mundo que passa eu me inspiro e começo a gritar “ai delícia”(2x)

Delícia para mim é alegria, com todo respeito em primeiro lugar, é fazer as pessoas felizes, às vezes tem pessoas que tá doente, tá deprimida e eu faço as pessoas felizes.

Assim como eu vou falar, eu estou em casa minha cabeça está na Passarela. Eu me sinto como se estivesse aqui, porque eu acho horrível, apesar que é o dia que tenho para ficar com meus filhos. Mas, o dia que não venho na Passarela para mim não existiu o dia. Ah, é uma maravilha, eu danço para o meu marido “as poderosas” “ai delicia”, eu danço para os meus filhos, para os meus vizinhos. Então pra mim é só maravilha.

Claro! Em Deus. Gosto muito assim de todos né? Não tem um específico para falar, mas eu gosto de todos, para mim todos são bons.

Ah, meu maior sonho (2x) é criar os meus filhos honestamente, trabalhar, ganhar meu dinheiro honestamente do jeito que eu ganho e criar os meus filhos, meu maior sonho.

Ah eu ensinaria fazer o bem, sempre o bem para as pessoas, fazer sempre o bem né? Tratar sempre as pessoas bem, por mais que as pessoas fiquem com raiva, mas sempre fazer o bem, por mais que alguém fazer o errado para você faz o bem que faz bem. Tenho certeza.

Imagens dela sambando com os turistas. Trilha: Toda boa – Psirico.

Efeito de transição

Depoimento de Amilton Alves dos Santos - Capim Bará

Meu nome é Capim Bará, sou mestiço pataxó, da tribo pataxó. Eu moro aqui já há trinta anos em Coroa Vermelha.

Tive dificuldade em ter um documento de branco, né ? Eu não podia ser batizado por Capim Bará, tinha que procurar um nome português, aonde meus padrinhos procurou junto de várias pessoas lá pra poder ajudar eles um nome né, que hoje eu sou registrado na minha identidade como Amilton Alves dos Santos.

GC: Amilton dos Santos (sobre uma carteira de identidade)

Eles falaram que para poder me batizar Alves dos Santos porque era uma assinatura mais fácil. Eles achou essas duas assinaturas e falou que era muito comum na Bahia. Me conhece por Capim Bará porque trabalho na área do meio ambiente, se eu não trabalhasse pela área do meio ambiente, Capim Bará não existia.

Eu acordo cinco horas da manhã, para cuidar primeiramente do meu viveiro. Como não tenho emprego, eu tenho que cuidar do meu viveiro, deixo tudo planejado para meu filho cuidar e eu tenho que cuidar da minha lojinha para poder manter meu projeto e manter a minha família.

Efeito de transição

Imagens de Coroa Vermelha e do museu indígena. Música: *Um índio* (Caetano Veloso)

Eu pergunto: e o senhor tem quantos filhos? Capim Bará responde:

Dez, sou filho de uma índia e uma coisa que índio aprendeu a fazer foi filho para salvar o planeta. Eu aprendi com meu vô isso né? Casei com vinte anos e minha “jocana” tinha sabe quantos? Treze anos, “jocana” é mulher né?

No caso, se que gostasse de minha jocana não podia conversar com ela e nem tocar nela, mas sim, o rei já tinha ensinado que pegasse uma pequena pedra e tocasse nela. Se ela agachasse e devolvesse a pedra em mim eu poderia ir pulando pra casa que ela tava querendo namorar comigo.

E se eu quisesse ir mais longe, no caso a constituir uma família com dona Zenaide que é minha esposa, eu tinha que ir na natureza um dia né, pedir uma flor emprestada dela, da natureza e fazer a mesma coisa que fiz com a pedra, lançasse a flor nela e ficar prestando atenção se ela ia pegar. Porque a partir daquele momento que ela agachasse e pegasse essa flor e jogar e oferecer a você, poderia saber que ela também tava preparada para assumir uma família.

Primeiro ele é preparado um mês, para carregar um tronco baseado no peso dela, no peso da jocana. Se a menina valer cinquenta quilos é cinquenta quilos que ele vai carregar. Se for cem quilos é cem quilos que ele vai treinar durante um mês para no dia do casamento ele carregar esse tronco cem metros sem parar, do pique que ele sair daqui ele vai chegar no altar correndo e bater o tronco lá e dizer assim: “tô preparado pra assumir sua filha”. Era feito assim, o meu genro fez isso, esse teste de resistência, esse tronco que falei para você vamos dizer assim, eu hoje tô em Coroa Vermelha uma aldeia urbanizada, mas amanhã eu posso tá na Amazônia e levar minha jocana e se chegar lá e o índio gostar de minha jocana, e querer tomar de mim?

Eu tinha que tá preparado para jogar ela nas costas e correr cem metros e fugir da aldeia deles. Para poder vencer fora da aldeia deles porque os caras queriam minha jocana.

A gente sabe que existem vários deuses na terra, criado por um só pra nós cuidar deles, mas nós não faz isso.

Para o índio, ele tem muita fé assim no deus, a lua é um deus forte que mexe com os animais, com a terra, com as plantas, com doido, com tudo. O sol para o índio é um deus também porque clareia o dia e da oportunidade de viver e trabalhar. A terra para o índio é um deus também, que ela dá o suporte para plantar e tirar para sobreviver. Essa chuva para nós é um

deus, que ela alimenta a terra, alimenta nós, o vento, o vento, sabe o que é o vento? Esse vento que passa por nós invisível é um deus perfeito, ele refresca tudo. Nós se alimenta desse ar, de noite quando você dorme você expira esse ar para fora porque senão você morria, então nós tem essa fé, nós índio tem essa fé.

A natureza, eu ia ter o poder de deus de fazer nascer mais vegetação no lugar que tá precisando hoje, as pessoas morrendo de sede, entendeu? Eu ia ser um deus voltado pra natureza que brotasse várias e várias árvores e mais nascentes, então eu queria ser esse deus poderoso.

Eu gostaria de deixar esse recado para o mundo. Que a gente tivesse mais amor um com o outro, a gente tem que ter esse respeito pela humanidade, pelos nosso pais, pelo nossos criadores e também respeitar o planeta terra e com certeza isso ai, a gente vai ter um mundo, um futuro melhor.

A frase que eu posso dizer, eu vou dizer (ele diz uma frase indígena). Tô agradecendo a todo o Brasil e todas as idades e tupã que é o nosso Deus.

Observação: Os depoimentos foram digitados conforme as falas dos entrevistados, isso explica alguns erros de concordância.

ENCERRAMENTO

Texto em off: Para Jorge Amado “Baiano quer dizer quem nasce na Bahia, quem teve este alto privilégio, mas significa também um estado de espírito, certa concepção de vida, quase uma filosofia, determinada forma de humanismo.”

Imagens dos personagens entrevistados.

Música: *Eu gosto de ser baiano* - Moraes Moreira.

CRÉDITOS

Bahia de Todos os Santos

Entrevistados

Ilhéus

Marco dos Santos

Vitória da Conquista

Reginaldo dos Santos

Jesoína Santos

Porto Seguro

M. Raimunda dos Santos

Amilton Santos – Capim Bará

Narração

Jânio Arapiranga

Direção, produção e roteiro

Jéssica Santana Lopes

Edição

Jéssica Santana Lopes

Aloísio Ribeiro

Cinegrafia

Aloísio Ribeiro

Orientação

Mariana Procópio

Trilha

Andar com Fé - Gilberto Gil

Canto do Guerreiro Mongoió – Elomar Figueira

Eu gosto de ser baiano - Moraes Moreira

Um índio - Caetano Veloso

Louvação – Gilberto Gil

Marinheiro Só – Grupo Capoeira Angola

Modinha para Gabriela – Gal Costa

Preta - Daniela Mercury

Todo boa - Psirico

Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação/Jornalismo

Imagens tiradas da Internet

Capoeira, Dorival Caymmi, Elomar F. Melo, cacau, coronéis, quadro com santos e baiana.